

SYLVIO TULLIO

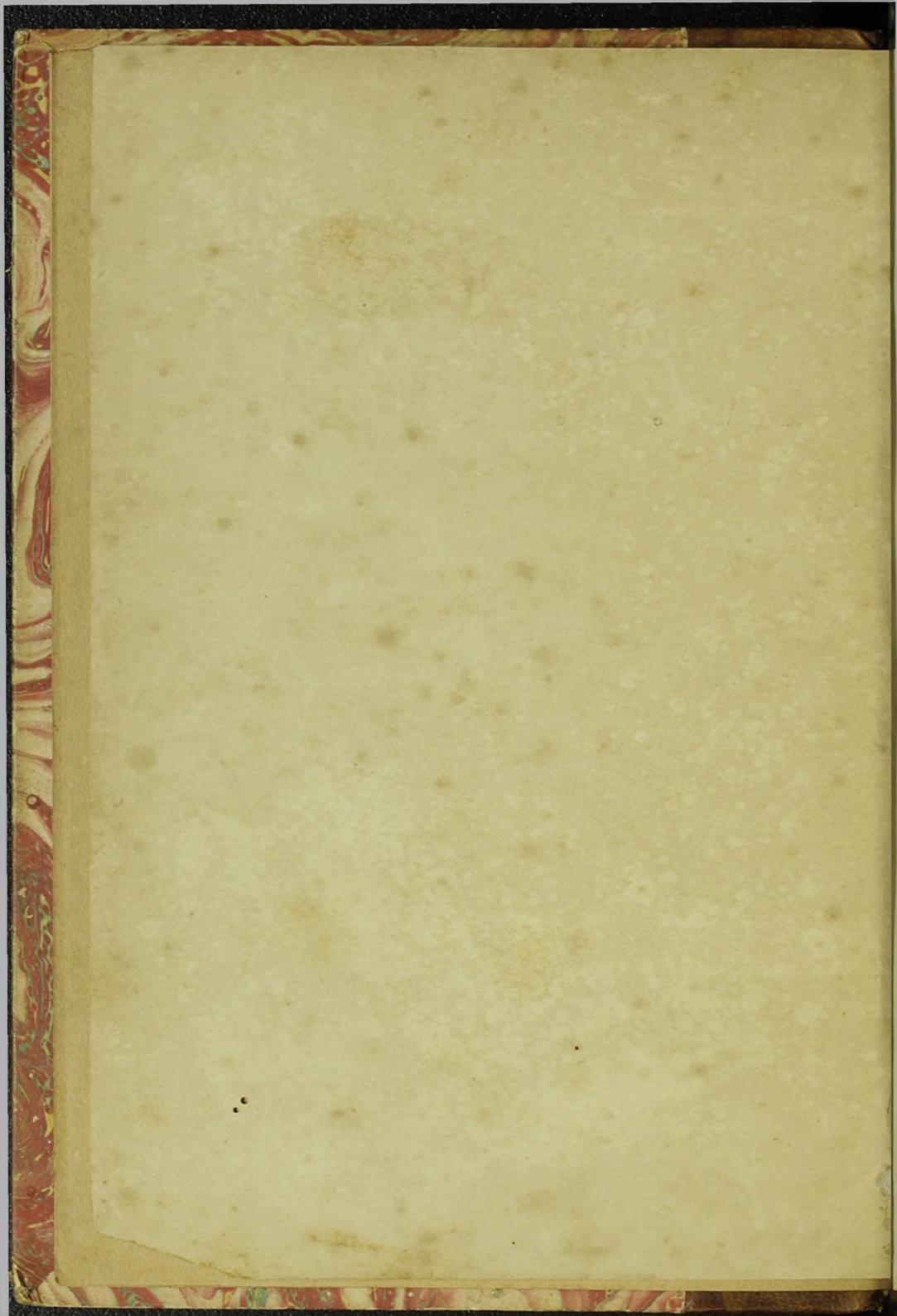


O Sr. D. Pedro II

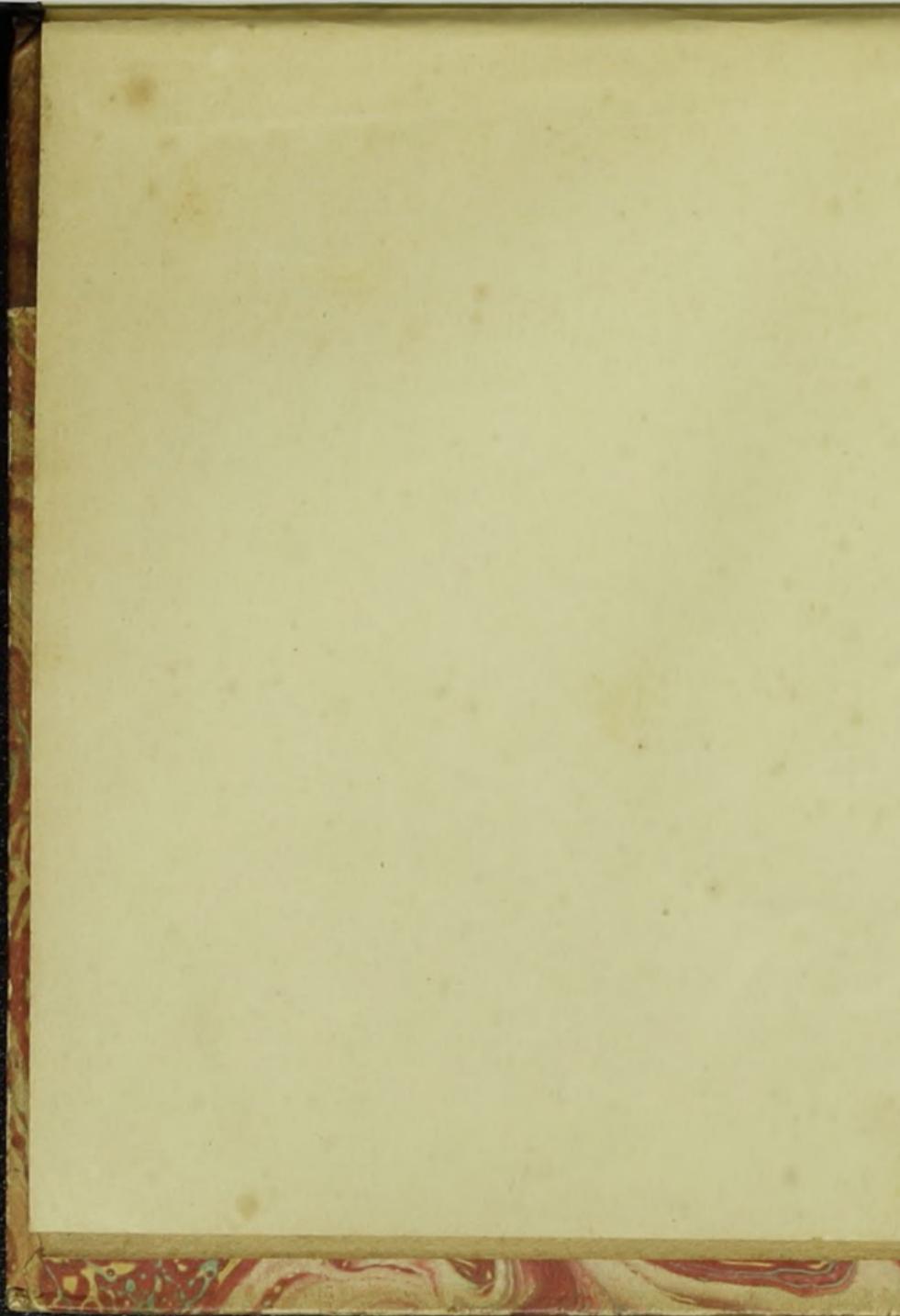
SUCCINTA APRECIACÃO E RAPIDA ANALYSE
DOS ULTRAGES BIOGRAPHICOS ASSACADOS PELO
SR. SENADOR CHRISTIANO B. OTTONI
A' AUGUSTA MEMORIA DO FALLECIDO IMPERADOR
DO BRAZIL, O SR. D. PEDRO II

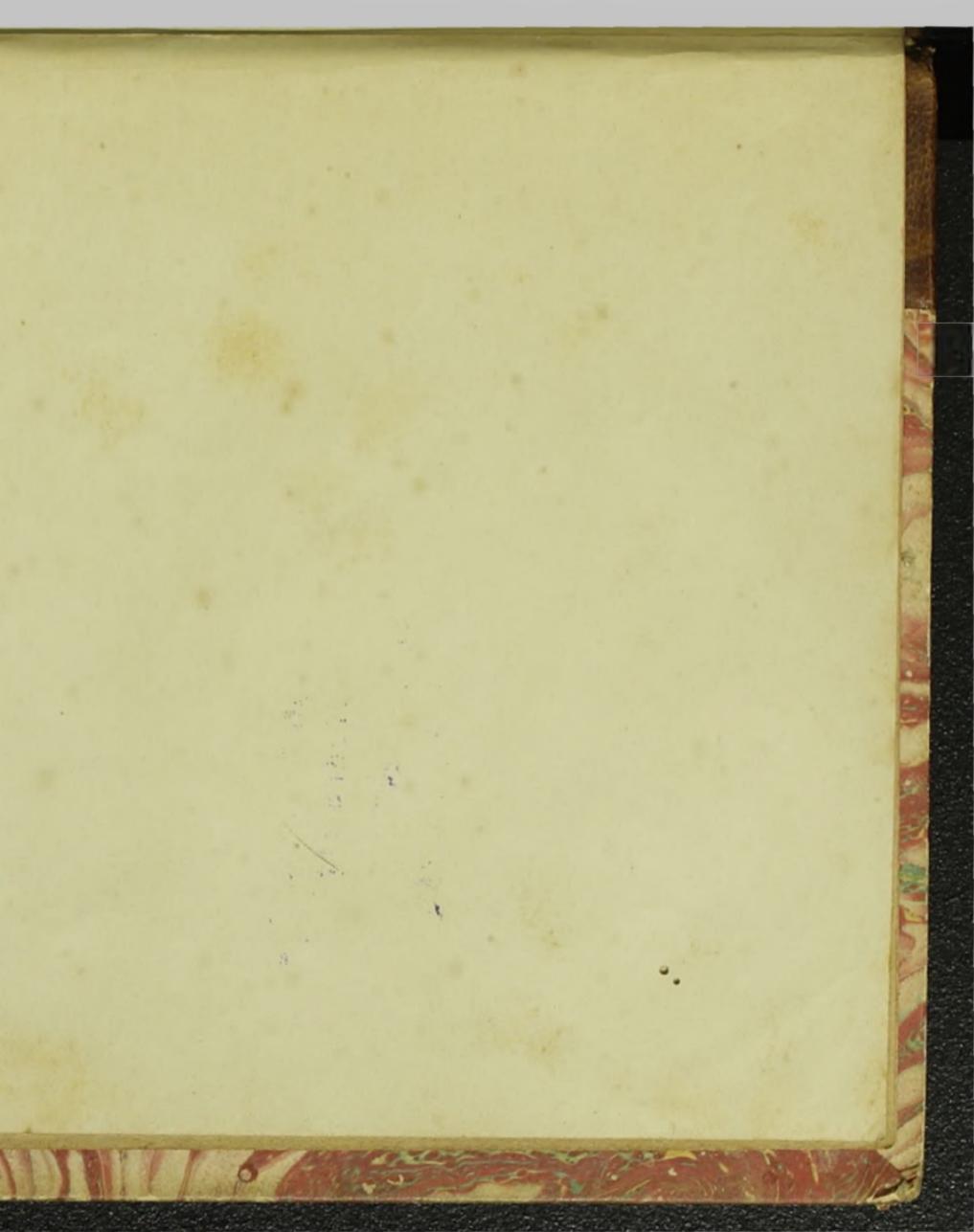


1896



O SR. D. PEDRO II





SYLVIO TULLIO

O Sr. D. Pedro II

SUCCINTA APRECIACÃO E RAPIDA ANALYSE
DOS ULTRAGES BIOGRAPHICOS ASSACADOS PELO
SR. SENADOR CHRISTIANO B. OTTONI
A' AUGUSTA MEMORIA DO FALLECIDO IMPERADOR
DO BRAZIL, O SR. D. PEDRO II



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"CRÍGENES LESSA"
Tombo N.º 32 899
MUSEU LITERÁRIO

1896

ИСТОРИЯ
РОССИИ
И СЛАВЯНОСТ
И СЛАВЯНОСТ

AO ILLUSTRÉ VISCONDE DE TAUNAY

*Em homenagem ao seu caracter
nobilissimo e talento superior, offerece
e dedica este trabalho o*

Seu Amigo e Admirador,

SYLVIO TULLIO.

Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1895.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES

THE

SECOND

AO LEITOR

Com maior desenvolvimento encerra o opusculo que ora sae a lume a serie de artigos que inseri no *Jornal do Commercio* de 19, 21 e 23 de Agosto de 1893, analysando á luz de sincera critica o trabalho do Sr. senador Christiano B. Ottoni, publicado anteriormente no mesmo jornal com o titulo « Biographia de D. Pedro de Alcantara, segundo e ultimo Imperador do Brazil, » e escripto com o fim de concorrer ao premio proposto pelo Instituto Historico Geographico Brasileiro, mas que lhe foi por este unanimemente recusado.

Dei-os á imprensa anonymos, porque, além de certas razões que a isto me levaram e que ainda persistem, queria não só ajuizar o effeito que a minha refutação produziria no espirito publico, como tambem poder em muitos circulos ouvir, sem o constrangimento imposto pela minha presença, a opinião livremente manifestada dos que a tivessem lido.

Ninguem me incitou a escrevel-a; pessoa alguma, nem mesmo da minha maior intimidade e affeição, por qualquer modo me auxiliou na sua redacção ou a modificou no fundo e na essencia. Antes de entregal-a á publicidade, della só tiveram conhecimento o redactor-chefe do *Jornal do Commercio*, o Sr. Dr. José Carlos Rodrigues, e um illustre amigo a quem a mostrei e que se prestou muito amavelmente a ouvir a sua leitura, animando-me, nos termos mais lisongeiros, a dal-a confiadamente aos prelos e á apreciação do publico.

Sómente o fiz levado pelo amor á verdade e á justiça, e porque senti, como todo o mundo, o meu ser revoltado contra os juizos deprimentes e os ultrages evidentissimos atirados, sem razão, á memoria do grande brasileiro o Sr. D. Pedro II.

Não vi, nem ouvi uma só pessoa que não fallasse com sincero desgosto ou a maior indignação da tentativa biographica do Sr. senador Ottoni. Ninguem comprehendia que se podesse escrever a vida de um Imperador, universalmente admirado por sua illustração e tão surprehendentes quanto excepçoes qualidades, sem se apontar na sua longa existencia a minima occurrencia, um acto sequer digno de glorificação e que puzesse em relevo o vulto desse monarcha que proporcionou á patria brazileira 50 annos de inapreciavel paz, de ininterrompido progresso e intangivel liberdade. A' vista disto, ficaram então todos profundamente convencidos, ou não tiveram duvida em acreditar, que sómente um odio

entranhado e uma animosidade quasi feroz poderiam fornecer a explicação de facto tão extraordinario.

Na analyse que fiz do escripto do Sr. senador Ottoni—creio com maxima imparcialidade—baseado tão sómente em elementos historicos, na logica e na razão, tenho consciencia de não haver transposto os limites da conveniencia, nem irrogado a menor injuria, affronta e imputação falsa a tão conspicua personalidade.

Sou o primeiro a render homenagem á sua bella e culta intelligencia, e a reconhecer que são inolvidaveis os serviços por elle prestados ao paiz no tempo da monarchia. Em relação, porém, á maneira e ao methodo que adoptou para produzir a pretensa biographia do Sr. D. Pedro II, não podia deixar de mostrar-me intransigente e severo, em termos talvez vehementes e vibrantes, mas sem faltar ás regras do mais puro cavalheirismo.

Se apontei certos factos concernentes á

vida politica do Sr. senador Ottoni e do seu irmão Theophilo—alguns provavelmente propalados por desaffectedos seus, mas outros até referidos em artigos de jornaes,—foi para mostrar que não se deve nunca fundamentar a biographia de um homem sómente no *dizem e consta*, tendo-se dado a uma norma de conducta muito mais elevada o nome de perfidia e de má fé.

Honrou o Sr. senador o meu trabalho, no qual só encontrou filaucia e falta de criterio, com uma breve resposta publicada no *Jornal do Commercio* de 5 de Setembro do referido anno, bem magra de idéas justas, sãs e aproveitaveis, porém gorda de grosserias, insultos e desaforos. Tudo acceto por amor de Deus e em desconto dos meus peccados. Nessa resposta, diz que me chamou á responsabilidade, e que eu me negára a subscrever o autographo.

Não sabia de nada disso. Mas se assim aconteceu em relação aos meus artigos, julgo que andou bem e procedeu dignamente o illustre redactor-chefe e proprietario do *Jornal do Commercio*, não se prestando a satisfazer, mesmo sem me communicar a sua decisão, a infantil, ou antes manhosa curiosidade do Sr. senador Ottoni em querer saber quem era o autor do autographo Não devia S. Ex. ignorar que só se tem o direito de exigir tal exhibição quando na publicação feita houve injuria ou calumnia, cousas que ninguem de animo calmo e imparcial conseguirá por certo encontrar em meu escripto.

De resto, o illustre redactor do *Jornal do Commercio*, o Sr. Dr. Rodrigues, nunca havia de permitir a inclusão em sua folha de um libello anonymo, em que o Sr. senador Ottoni podesse ser victima de injuria ou calumnia.

Tal intenção, tambem, jamais me passou pela mente. ———

O autor deste trabalho, que agora o assigna com o pseudonymo de Sylvio Tullio, lamenta e lamentará constantemente as tremendas desgraças e os inexcediveis infortunios que se despenharam sobre a sua cara patria desde a fundação deste estado de cousas, a que o Sr. senador Ottoni persiste em dar o nome de Republica. Affirma bem alto e solemnemente que tem a nostalgia da liberdade e da ordem, e que não é das *cebolas do Egypto* que sente saudades, porém sim desse passado, que nos assegurava um futuro tão cheio de paz, felicidade e gloria para os nossos filhos e as novas gerações! A contraposição é para todos causa de pungentes angustias, e só não as experimenta quem está sentado á mesa desse enorme banquete diario, que custa á nação sommas incalculaveis, sem orçamento possivel. Por ahi se medem os caracteres!

Aliás, se á politica do Sr. D. Pedro II se deve, na opinião do Sr. senador Ottoni, a

quêda da monarchia, porque razão os néo-republicanos, congregados com os jacobinos, se atiram frementes e furiosos á sua memoria para a denegrirem? A logica e os gozos que ora desfructam deveriam pelo contrario leval-os a endeosal-a, propondo até que em cada capital desta *solidissima federação* republicana fosse á tal monarchia erigida uma estatua! Mas qual!

Tudo está invertido: qualquer estrangeiro pôde possuir bens moveis e immoveis neste paiz, quantos queira; só os filhos e herdeiros do soberano, que passou a vida inteira em incessante trabalho e infindas labutações para guiar o Brazil na senda do progresso, sem se importar com os seus interesses dynasticos e pecuniarios, esses não participam de tal direito!

Os homens da intitulada democracia apossaram-se pela força do palacio que incontestavelmente devia ficar em poder dos filhos da princeza Leopoldina, e sobre as terras e propriedades, de que não podem

lançar mão, pretendem iníquos legisladores promover na assembléa do Estado do Rio de Janeiro a passagem e promulgação de leis de excepção e capciosas para justificarem a mais odiosa expropriação.

Confundir, aliás, instituições verdadeiramente republicanas com isso que se apresenta aos nossos olhos ; pretender que se considere essencia de uma republica esse conjuncto vertiginoso de actos de temerosa desorganisação, de inconcebivel anarchia, de estupendos abusos e inaturavel prepotencia, que em breve hão de terminar pela bancarrota, e a miseria publica e particular, é zombar da mentalidade do povo brasileiro.

Se a monarchia nos deu 50 annos de pasmaceira, segundo o conceito de um jornalista neo-republicano, nunca produziu ou inventou um juiz que pelos jornaes chafurdasse sua toga em discussões atrabiliarias e nojentas, e no mais alto tribunal applaudisse todos os crimes politicos, e qualificasse

de homicídios legaes os assassinos hediondos commettidos pelo governo e seus agentes no Rio Grande, Paraná, Santa Catharina, Magé, ilha do Boqueirão e Pernambuco!

Foi preciso que viesse a Republica com cambio a 9, de 27 que estava no tempo da monarchia, para apregoar-se a doutrina monstruosa de que um governo, mesmo fóra da lei,—para se sustentar, tem o direito de dispôr da vida e liberdade de seus concidadãos, e pôde auctorisar, apoiado na força, os mais barbaros e hediondos morticínios!

« Quando um povo, diz Cicero, põe mão criminosa sobre um Rei justo, e derrama o sangue de bons cidadãos; quando a Republica não é mais do que uma liteira debaixo dos pés de uma facção triumphante, ficai certos de que não ha tempestade nem incendio mais difficeis de acalmar do que os excessos de um governo tyrannico. »

Que dizer mais do actual regimen republicano, que não esteja na consciencia nacional, e não tenha sido repetido um milhão de vezes por membros do Congresso e da imprensa, a afrontarem valentemente os furores dos jacobinos?

O proprio Sr. senador Ottoni affirma em sua resposta que o governo de semelhante Republica tem commettido grandes erros. Porque no senado não os profliga incessantemente, incitando os seus collegas a pôrem, pelo menos, qualquer paradeiro a esse interminavel e tumultuoso esbanjamento dos dinheiros publicos, que a todos assombra e terrifica?

Ainda uma vez toma o Sr. senador Ottoni a nuvem por Juno. Jamais foi o meu nome conhecido nos horisontes do cortezanismo de Petropolis, e si nunca figurei na politica activa foi por querer deixar a minha béca immaculada e para não sentir abatida, por qualquer circumstancia fortuita, a altivez do meu character

ou a minha independencia na luta dos partidos.

Qualquer, porém, que seja o autor, não tiraria ou augmentaria o seu nome o valor do trabalho que veio á luz, e que parece ter sido excepcionalmente inspirado, não só pelo furor que causou ao Sr. senador Ottoni, como porque este, esmerilhando tudo, só encontrou em sua contestação, para rectificar, um facto unico, e esse mesmo de somenos importancia !

Quando entrei em considerações sobre a formação do partido progressista, com effeito disse que o ministerio Zacarias, substituindo o do marquez de Olinda, durára sómente tres dias, ao passo que, na realidade, o ministerio Zacarias que, em 1864, veio depois do do marquez de Olinda conservou-se no poder uns sete mezes.

Nem devo por isto ao Sr. senador Ottoni o menor agradecimento, visto como, muito antes de apontado esse engano, já ficára feita aqui a competente rectificação.

Erros numerosissimos e muito mais graves do que esse foram apontados e rebatidos na pretensa biographia, e nem por isto achei que deviam ser motivo de violentos apodos e incriminação de boçal ignorancia.

Na historia da quéda do gabinete Furtado em 1865 salientei muitas lacunas e fiz sobresahir não poucas inexactidões.

Referindo as causas que haviam concorrido para que o Sr. Theophilo Ottoni deixasse de ser ministro na primeira organização tentada pelo marquez de Olinda, affirmei que este, na interpeção feita no Senado, não revelára tudo o que se havia passado na conferencia com aquelle politico.

Ao estadista não convinha, de certo, que o melindre do outro ficasse ferido, declarando que o gabinete deixára de ser organizado, porque o Sr. Theophilo, depois de

ter prestado inteira adhesão á combinação feita e já acceita pelo Imperador e em que elle entrava, viera tentar impôr nova lista com varios nomes, diversos dos que tinham figurado na primeira combinação.

A troca de palavras havida a tal respeito entre o marquez de Olinda e o Sr. Theophilo Ottoni foi-me, repito, referida pelo conselheiro Sá e Albuquerque, que na occasião se achava, segundo me contou, em um gabinete proximo ou ao lado da sala, em casa do marquez, á rua do Lavradio.

O Sr. senador Ottoni, por uma dessas inducções muito curiosas que diversas vezes tornei bem patentes, assegura que isso não passa de mero *cancan*, pois que Sá e Albuquerque, homem de fina educação, era incapaz de escutar pelas frestas das portas.

Quem disse que elle escutára pelas frestas das portas ?

Quando o marquez de Olinda partiu para S. Christovão, levando a lista das pessoas que deviam fazer parte do novo minis-

terio, deixára em casa ou no gabinete, bem conhecido do Sr. senador Ottoni, o Sr. Sá e Albuquerque, com o qual vivia nas mais intimas relações, á espera do resultado da conferencia definitiva com o Imperador. Ao voltar, *encontrára em sua sala* o Sr. Theophilo Ottoni; e então se passou o dialogo já referido e que o outro involuntariamente ouviu, sem para isso ter-se escondido nem precisar escutar pelas frestas das portas, como o Sr. senador Ottoni faz suppôr. Era assumpto sem duvida de natureza politica, e por isso mesmo foi logo conhecido e amplamente commentado.

Externei as razões correntes e acceitaveis pelas quaes deixou o Sr. Theophilo Ottoni nas quatro primeiras vezes de ser escolhido senador e porque o foi na quinta; mas não asseverei que houvesse sido por empenho do marquez de Olinda. E' pura invenção,

para se ter o ensejo de dizer que assim ferí também a memoria do *meu amo*, condição que nunca reconheci em pessoa alguma. Nem a immensa nobreza d'alma do Imperador jamais consentiu que elle se suppuzesse amo de nenhum brazileiro. O que deixei expresso foi que o marquez de Olinda muito se interessára por essa escolha, e aponteí a versão, quero crer—infundada—que correu sobre a *causa dessa solitudine*.

Repito: não attribui a escolha a empenho do marquez de Olinda, mas á superioridade dos serviços do Sr. Theophilo Ottoni sobre os dos seus companheiros de lista naquella occasião.

Sei bem que o Sr. senador Ottoni por sua esclarecida intelligencia e muitos serviços estava no caso de merecidamente occupar as mais elevadas posições no paiz e de

receber as mais honrosas distincções; mas também não deixo, como todos, de reconhecer que é homem da mais extremada susceptibilidade, de orgulho descommunal e de uma vaidade immensuravel, de modo que qualquer contrariedade um pouco mais viva, até no circulo de simples opiniões, a menor duvida sobre cousa em que estejam interessadas a sua inconcussa honra e bem sabida probidade, e até mesmo toda a pretenção de maior empenho que elle não veja satisfeita, são bastantes para transformal-o, no maior numero de casos, em inimigo eternamente irreconciliavel e de rancor inextinguivel.

O Sr. senador Ottoni declara que o Sr. D. Pedro II nunca o offendeu, nem o prejudicou, e podia acrescentar que jamais offendeu nem prejudicou sciente e voluntariamente a pessoa alguma. Por isto mesmo causaram tamanho espanto e tão espontanea indignação talvez a dous terços da população do Rio de Janeiro, ou dos leitores

do *Jornal do Commercio*, a acrimonia, o fel e o rancor, que, acompanhados das maiores injustiças e revoltantes erros, transudavam das apreciações de S. Ex. sobre todos os actos da vida do Imperador.

Qual a razão de tudo isto? Não posso atinar. Parece-me entretanto que o Sr. senador Ottoni, por um estado subjectivo especial, fez do odio um habito, realizando o proverbio: *Dimidium facti qui cœpit habet*.

Nesta nova edição dos meus artigos, escriptos ao correr da penna e de um jacto, procurei quanto pude corrigir muitos erros que sahiram por descuido meu ou de cópia e revisão.

Julguei tambem conveniente, para mais completo esclarecimento das questões, dar muito maior elasterio á parte referente á intervenção que o Sr. senador Ottoni e

outros attribuiram ao Sr. D. Pedro II na administração publica.

Emendando grave lapso, não deixei agora em esquecimento o grandioso e generosissimo donativo que da sua enorme e preciosa bibliotheca, em numero de 60 mil volumes, e dos seus gabinetes mineralogico e numismatico e collecções em que havia objectos sem estimativa possivel,¹ o Imperador, no meio do clamoroso exilio, fez á Bibliotheca Nacional, ao Instituto Historico Brasileiro e ao Museu do Rio de Janeiro. Ao envez do romano que odientamente exclamava: *Ingrata patria non possidebis ossa mea*, D. Pedro II offerencia ao povo brasileiro e lhe legava os seus livros, esses companheiros de existencia que nunca o abandonaram e que elle es-

¹ Citarei entre outras raridades, a mascara em gesso de Napoleão I, tirada em Santa Helena. Só ha tres exemplares: um que pertence á familia Antommarchi, outro ao Museu britannico, e este, dadiva do rei Luiz Filippe por occasião do casamento do principe de Joinville com a princeza D. Francisca.

timava e punha acima de todos os bens do universo.

Afaga-me a esperança de que o Brazil inteiro receberá este livro, cuja publicação foi retardada por motivos independentes de minha vontade, com a mesma benevolencia e apreço, com que muitos milhares dos meus concidadãos acolheram os artigos que sahi-ram no *Jornal do Commercio*.

Aproveito a occasião para declarar-me sobremaneira grato á gentileza do Sr. Dr. J. C. Rodrigues em tel-os dado a lume na sua prestigiosa folha e summamente reconhecido ao pezar que me manifestou em não haver podido, por não trazerem assignatura, incluil-os na parte consagrada ás publicações dos domingos, em que podiam figurar por julgal-os interessantissimos.

3 de Novembro de 1895.

SYLVIO TULLIO.

O Sr. D. Pedro II

INTRODUÇÃO

*A inverdade é a noite da razão e
o eclipse da dignidade e consciencia
humana.*

Dotado de liberrimas instituições, calma e reflectidamente, o Brazil caminhava na senda do mais lisongeiro progresso. Tributavam-lhe todas as nações cultas o maior respeito e attenciosa consideração, por ser na America do Sul o Estado ou a Nacionalidade de mais valor e da mais inconcussa honorabilidade em suas relações politicas, economicas e sociaes. O seu credito

era illimitado, firme e inabalavel tanto no exterior como no interior. O seu commercio florescia; a sua producção se desenvolvia e augmentava de dia a dia. A rêde de seus caminhos de ferro em trafego e explorações se expandia gradualmente, levando triumphante a civilisação ao interior do paiz, pondo em communicação a população disseminada pelo seu immenso territorio e facilitando o transporte de seus productos e artefactos industriaes e agricolas. A instrucção publica se desenvolvia pouco a pouco pela multiplicação das escolas, pelos institutos de ensino, providos de todos os meios apropriados ao mais proficuo e regular desempenho de suas funcções e era sempre objecto da maior solitudine dos poderes publicos. O governo desde muito applicava e dedicava todos os esforços á solução do grandioso problema de attrahir possantes correntes de immigração que viesse povoar o paiz, explorar as suas immensas riquezas e impulsionar a grande obra da regeneração do

trabalho e de nossa civilização. Emfim a vergonhosa macula da escravidão, que obumbrava a grande nação brasileira, foi, sem rasto de sangue, completamente extinta. Nada mais restava para que se pudesse olhar, sem assombro e medo, para o grande porvir que estava gloriosamente reservado ao colosso Sul-americano.

A 15 de Novembro de 1889, porém, vio-se o Brazil sorprendido, no meio de profundo pasmo e incredulidade estupefaciente, por um levante militar, urdido nas trévas, e que conseguiu lograr os seus intentos e chegar a termo por negra traição e dolosa perversidade. A tresloucada ambição e a vaidade de uns, habilmente exploradas, e os odios e as vinganças oriundas do despeito e dos interesses contrariados de outros, amalgamaram-se na mais triste mancommunicação, rematando o seu nefando acto, pela expulsão do throno, deportação e banimento com toda a sua inclyta familia do grande e magnanimo Imperador o Sr. D. Pedro II que

ficou em cruel exilio até que a morte o levou em seus braços a 5 de Dezembro de 1891.

Durante dous annos inteiros que elle pasára nesse exilio, vibrou em sua alma generosa a magoa pungente de ver, sem poder dar remedio, a desorganisação, a desordem e anarchia estenderem do Amazonas ao Rio Grande do Sul, como monstruoso polvo, os gigantescos, medonhos, formidaveis e temerosos tentaculos, para desbaratarem do dia para a noite a fortuna publica, anniquilarem todas as liberdades e implantarem o mais truculento despotismo na sua querida patria, afogada hoje no vilipendio, escarneo, e desprezo dos povos cultos, sómente comparaveis aos que suscitam as republiquetas da America Central e talvez a do Haiti.

Não obstante todos esses factos, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sem se lembrar que o *emplastro adhesivo*, estendido sobre a maior parte da nação, na expressiva e feliz phrase do Sr. C. de Laet, ainda não se tinha despegado, apezar

das mais tremendas decepções, e que o amor á verdade historica não conseguiria revestir o character do heroismo a poder arcar com a ferocidade dos jacobinos, quiz prestar justa homenagem á memoria do seu inolvidavel fundador e incansavel protector. Abriu, pois, um concurso em que teria de receber recompensa condigna o autor, que por escripto apresentasse a biographia desse grande brasileiro, tão bom, affavel, honesto, desinteressado e patriota, tão illustre, calmo, reflectido e impolluto na direcção pacifica, progressiva e liberrima do seu vasto Imperio, por espaço de quasi 50 annos, quanto sereno, magestoso, olympico e apocalypticico no seu revoltante, clamoroso e injustificavel exilio !

Em tal certamen historico sómente pleiteou o premio promettido quem depois se soube ser o Sr. Christiano Benedicto Ottoni, conselheiro e senador vitalicio na época da monarchia, e novamente senador nos tempos que correm da Republica actual.

Apresentado o seu trabalho ao Instituto, sob o titulo de—BIOGRAPHIA DE D. PEDRO DE ALCANTARA, SEGUNDO E ULTIMO IMPERADOR DO BRAZIL—foi elle em boa hora e unanimemente repellido, vindo porém á publicidade no *Jornal do Commercio* de Junho e Julho do nefasto anno de 1893.

No prefacio apraz ao autor declarar que havia deser imparcial e verdadeiro na exposição e apreciação dos factos, e que *deixaria claramente estabelecidos estes pontos* :

- « Honorabilidade do homem ;
- « Correção de procedimento como chefe de familia ;
- « Intelligencia regular e grande amor ao estudo ;
- « Iniciativa e principal acção para a abolição da *escravidão domestica* ;
- « Nobreza de attitude na adversidade ;
- « Intervenção no governo e na lucta dos partidos politicos. »

Quando, entretanto, o leitor percorre

todo o texto do escripto, com excepção deste ultimo ponto, que nelle permanece inabalavel de principio ao fim e constitue a nota dominante do trabalho do Sr. senador C. B. Ottoni, vê-se que quasi todos os outros deixam a convicção de que as conclusões foram inteiramente oppostas ás premissas.

A honorabilidade foi no texto substituida por homem astuto, hypocrita, machiavelico, de coração atrophiado e secco, sem affeição a pessoa alguma, atheu, sem crença, sem religião, capaz de baratear a honra alheia, e, ás vezes, de proteger trahentes de sua intimidade ;

A correcção de procedimento como chefe de familia, por uma vida *cauta*, mas pouco casta ;

A intelligencia regular e grande amor ao estudo, pela vaidade de ser tido e considerar-se um sabio, quando não dispunha senão de uma certa somma de conhecimentos, *in omni scibili*, que *nunca*

permissão distinguir-se em qualquer especialidade ;

Iniciativa e principal acção para a abolição da *escravidão domestica*, pelo papel cheio de incoherencia e hypocrisia nas diversas phases da questão, despertado da indiferença pela carta de uma associação estrangeira anti-escravista ;

Nobreza de attitude na adversidade, por um interesse occulto de tornar vibrante e inextinguivel no coração dos brazileiros o desejo da restauração, ou indício de fraqueza intellectual senão de perturbação cerebral, etc.

Diante de tanto desembaraço em estabelecer certos dados para depois concluir cousas completamente antinomicas e em basear em historietas, bisbilhotices e mexericos os factos que tinham de servir para conhecimento da vida e demonstração da intervenção do Imperador no governo e na lucta dos partidos politicos, não me foi possível não só conter a indignação e o senti-

mento de revolta que se apoderou do meu espirito, como deixar de sahir da minha obscuridade para vir reivindicar os direitos da justiça e da verdade historica, tão postergados no escripto do Sr. senador C. B. Ottoni.

Quasi igual sentimento de assombro, embora em escala muito menor, experimentei quando, ha pouco tempo, li por acaso o livro intitulado—*Festas nacionaes da Republica Brasileira*—do joven Sr. Rodrigo Octavio.

Querendo, provavelmente, este novél historiador, procurador seccional da mesma Republica na Capital Federal, apresentar um panno de amostra e dar as mais solemnes arrhas do seu jacobinismo, não teve duvida em deturpar muitos factos historicos, imprimindo-lhes uma significação que nunca fora assignalada pelos Thiers, Michelet, Cantu, Southey, Armitage, Varnhagen, Alexandre Herculano, e quantos illustres escriptores, firmados em innume-

ros documentos publicos e particulares, têm estudado a historia geral ou parcial da humanidade, desde os tempos mais remotos, e em relação a nós, americanos, da descoberta deste continente até o seculo actual.

Saliento este facto por me parecer, a julgar pelo que vão publicando os corypheos desta tão anarchica Republica Brazileira, que a orientação democratica dos que já se diziam republicanos e dos que adheriram ás novas instituições está subjectivamente consubstanciada na adulteração, na inverdade, nas asserções sem base objectiva, e na maxima exaltação ou bem manifesto desequilibrio mental, tudo para que as mais grosseiras falsidades sejam aceitas e admitidas pelo paiz inteiro attonito e obsecado.

Mas, ao passo que, no livro dado pelo joven procurador seccional da Republica á estampa como titulo de recommendação aos seus correligionarios para os cargos mais e mais elevados, a que tendem as suas

ambições e incontestavel talento, é pelo menos a linguagem apurada, o estylo limado, fluente e elegante, no trabalho do Sr. C. B. Ottoni, mostra-se a phrase penosa, rasteira, bastante chula ou mais que vulgar e de contextura em geral chata, flascida, sem vigor, nem colorido.

A não ser o odio bem claro que por alli a maldade e a perversidade humanas, no gráo mais sublimado, podem distillar sobre a campa de um grande Imperador e de uma das maiores figuras que a historia das Americas ha de registrar em suas paginas, nada se encontra, por certo, nesse folheto, que não se relacione com historietas, bisbilhotices e murmurios, desses boatos e balelas, que os ociosos, intromettidos, despeitados, improvisadores ou intrigantes, não se pejavam de contar sobre a vida, os habitos e modos de proceder do Sr. D. Pedro II.

Para se lavrarem pamphletos e libellos politicos, que produzam alguma sensação e façam vacillar o juizo e opinião ácerca do

valor de um homem eminente, é preciso ter dotes especiaes e manejar a penna ferina e acuminada de um *Timandro* ou dispôr da incíisiva mordacidade unida á solida illustração do autor da *Conferencia dos Divinos*. Em condições diversas, não vai a tentativa além de um pasquim, cuja leitura nos causa revolta e repulsão.

Do trabalho do Sr. senador C. B. Ottoni não se podia esperar outro resultado, já pela idade em que se propôz a escrevel-o ou emprehendel-o, já pelo vicio do seu conhecido temperamento, isto é, não tratar de pessôa alguma desaffecteda, senão para della fallar ou dizer mal!...

Um dos caracteres distinctivos mais communs entre corpos inorganicos e seres vivos, é que elles se acham subordinados ou sujeitos a leis diversas.

Nos primeiros, o tempo não lhes modifica a natureza e não muda senão as relações dos seus elementos, conservando elles indefinidamente a sua essencia. A força

O caracter
do C. B. O.

inerte é invariavel e estacionaria—sempre identica a si mesma, por modo que cousa alguma lhe traz augmento ou diminuição, a enfraquece, a esgota e cansa. Parece até que a eternidade lhe pertence. Recebem elles sempre e com exactidão, segundo a capacidade da massa e sua composição, movimento, calor e electricidade em todos os tempos e lugares, tão uniformemente que se calcula préviamente, com toda a segurança, quanto é preciso de calorico para elevar de um gráo a temperatura de um metro cubico de agua, ou de força para levantar a um metro acima do sólo um peso de 100 kilos.

Nos seres vivos, porém, e particularmente nos que são dotados de intelligencia, observam-se periodos diversos caracterizados pelo nascimento, crescimento, decadencia e morte. A energia da vida, da vontade e do pensamento muda continuamente—progride, decahe, adianta-se ou recúa, mas varia sem cessar; o espirito ex-

pande-se com o tempo, e este facto é sem duvida mais um effeito necessario e natural da idade, do desenvolvimento dos orgãos, da madureza da razão que cresce com a fortaleza do corpo, do que resultado de uma força permanente ou antes immanente, por que, como ella, a intelligencia e a razão estão subordinadas a fatal declinio. E' rarissimo mesmo, a não se tratar de um genio excepcional como Descartes, Humboldt, Ticiano, etc., que se possam na velhice produzir obras dignas de um glorioso passado.

E' preciso, diz notavel philosopho, que o homem se capacite de que a idade enfraquece tanto as forças do corpo como as do espirito, e saiba resignar-se a essa invencivel lei.

Não é, pois, de admirar que o libello do Sr. senador C. B. Ottoni, em sua totalidade se resinta desses desastres e desfallecimentos, oriundos da idade octogenaria do autor.

O que, porém, causa deveras assombro é como o seu odio e sêde de vingança participam na essencia da eternidade inherente aos corpos inorganicos, e como em um periodo tão adiantado da existencia, em que os estados emocionaes e todas as paixões tumultuosas se arrefecem, perdem a violencia e se modificam diante da realidade e sob a influencia dos desenganos e decepções da vida, póde um espirito concentrar tanto fel, tanta amargura e malquerença, para, em um momento dado, fazer explosão e extravasar-se.

Afigura-se-nos um desses vulcões que, dormitando largos e largos annos, trazem a pouco e pouco das sombrias entranhas da terra incandescentes lavas e, de repente, as vomitam em borbotões sobre valles e campinas florescentes, lançando o terror e o pasmo em quantos nutriam a suave esperanza de que estariam livres de um inimigo, que, pelo tempo decorrido, não dava indícios de que pudesse encerrar mais cham-

mas e tão funestos elementos de estrago e maldição.

Sem curar de descrever o meio ou scenario anterior e consecutivo, em que se agitava o personagem de cuja vida tinha de occupar-se, sem revelar, uma só vez, a menor critica philosophica para tirar dos factos as suas consequencias naturaes, segundo *documentos comprobatorios fidedignos* e inconcussos da sua existencia, do modo porque se produziram e occorreram, sem tomar por modelo qualquer escriptor do genero, como por exemplo Taine, a proposito de Napoleão I, Thiers ou Dupin, sobre aquelle Imperador, o Sr. senador C. B. Ottoni atirou-se a tão ingente tarefa, sómente fiado ou confiado em sua memoria de octogenario !

Com isto o que bem mostra é a insondavel profundeza do poço da sua excepcional vaidade, porque não haveria no mundo historiador que se abalanchasse a fazer tal confissão, sem que fosse a sua obra desde

logo julgada nos termos mais severos e decisivos.

Aliás é bem certa a seguinte reflexão de um pensador: « Assim como acanhados instrumentos topographicos são insufficientes para grandiosas triangulações geodesicas, do mesmo modo eminentes personalidades da historia só podem ser estudadas por escriptores excepçionaes e de largos horizontes.»

Assegurando que não será echo de nenhuma calumnia pelo principio ou adagio de que—*gato ruivo do que uza disso cuida*—o Sr. senador C. B. Ottoni divide a biographia do Sr. D. Pedro II em quatro periodos intitutados:

1. Infancia e herdeiro da corôa ;
2. Imperador em menoridade ou dos cinco aos quinze annos ;
3. Effectivo reinado ou dos 15 aos 64 annos ;
- 4.^a Deposição, banimento e morte, ou dos 64 aos 66 annos.

Afim de que não possa subsistir uma só das aleivosias do Sr. C. B. Ottoni seguirei na defesa, que me proponho fazer, a divizão que elle adoptou em seu trabalho biographico.

CAPITULO I

PRIMEIRA INFANCIA

No periodo inicial, que comprehende a meninice do Imperador ou os cinco primeiros annos da sua existencia, é elle apresentado como uma criança que sahiu das mãos dos que estiveram encarregados da sua educação com o *coração atrophiado* e isto por que perdêra a mãe muito cedo e tivêra uma vida triste e morna, incapaz de despertar o desenvolvimento das qualidades da alma que, no dizer do Sr. C. B. Ottoni, dependem das historias da carochinha que as mãis contam aos filhos, das cantígas com

que os embalam, dos sorrisos, carinhos, reprehensões, etc. !

O Sr. D. Pedro II, na opinião d'elle, *não teve* Mãi, e o Pai, naquelle tempo embaçado com as rebeliões das provincias, com a opposição do parlamento, com o enforcamento de Rattcliff, com a marquezia de Santos, com os mil cuidados do governo e das suas paixões, não pensou no meio de substitui-la, quanto possivel; a *criadagem inferior*, submettendo-se a todos os caprichos do *Senhor Moço*, acabou por estragal-o!

Tudo isto é simplesmente funambulesco e não passa mesmo de uma historia chula e grotesca da carochinha. Assim, pois, um filho que, com mezes apenas, tem a desgraça de perder a mãe está segundo o Sr. Ottoni, condemnado a ficar com o coração atrophiado, isto sem réplica, nem aggravado, ainda mesmo que seja entregue á vigilancia e solicitude de uma senhora meiga, honesta, intelligente e digna como foi a con-

dessa de Belmonte que nunca se descuidou de dispensar ao futuro Imperador todos os cuidados possiveis e soube incutir-lhe as distinctas e nobilissimas maneiras que já-mais lhe faltaram até aos ultimos dias da vida!

Começa logo o inexoravel biographo por occultar os nomes das pessoas a cujos cuidados ficou entregue o Imperador, e faz suppôr que este, como acontecia antigamente com os filhos de alguns fazendeiros de café, vivia nas senzalas entre os pagens e moleques da fazenda!... Depois leva a *sua longanimidade* ao ponto de affirmar que, sem duvida, as damas e camareiras do Paço não maltratavam o imperial menino; faltava-lhes, porém, o *interesse e autoridade materiaes e naturalmente cada uma fazia delle seu — enfant gaté.*

Eis como conclue o Sr. C. B. Ottoni.

Essas inducções ou deducções, são, entretanto, tão contrarias á logica e observação

ordinaria, que não se comprehende como um espirito sério as fizesse sahir da sua penna de pretendido historiador. J. J. Rousseau, abstrahindo mesmo dos paradoxos do seu *Emilio*, havia de ficar maravilhado se taes proposições chegassem no fim de quasi duzentos annos de progresso da humanidade, aos seus ouvidos; e é julgar muito baixo o sentimento da responsabilidade moral, para que não se tenha em conta o interesse immenso que a todos se impunha a bem da mais apurada educação do infante a quem estava destinada a mais elevada posição do paiz.

São necessarias, no meu entender, outras razões para se admittir, que o imperial menino aos 5 annos de idade estivesse com o coração atrophiado e com o character estrogado. Do mesmo modo, não creio absolutamente que o Imperador, muitos annos depois, para representar uma das scenas da *comedia da sua vida*, á imitação do Imperador Augusto em Roma, tivesse *ca-*

hido de joelhos e chorado quando se encontrára em Lisboa com a sua madastra a Imperatriz D. Amelia, por quem, assevera o illustre biographo, não tinha elle affecto ! Nenhum noticiario sério referio semelhante occurrencia, e não é certamente pelos *dizem e consta* vagos e de autoria ignorada, que se sustenta a promessa de que aquellas paginas não serão echo de qualquer calumnia ou falsidade.

Do mesmo valor é o outro *consta* apanhado pelo *ingenuo* biographo para fazer crer que o imperial menino nunca houvesse *manifestado a pessoa alguma verdadeira affeição*.

Como prova relata insignificante historietta a respeito de um criado que se ausentára e, ao regressar, se ajoelhára a chorar e a abraçar as pernas do *amosinho* (todas as scenas emotivas se passam sempre no palacio imperial em genuflexões e em lagrimas), limitando-se o augusto infante a dizer-lhe com a maxima indifferença (como

sabe que foi com indiferença?) « Ah! *já viestes?* »

Ainda mesmo que o facto tivesse sido verdadeiro, o que duvido pela fonte que no-lo transmite, o que queria o Sr. C. B. Ottoni que fizesse, em tal caso, uma criança de 5 annos? Provavelmente que saltasse ao pescoço do criado, ou que tambem se ajoelhasse a chorar e o abraçasse?!

Quantas crianças dessa idade tenho visto que, entregues, na ausencia temporaria dos pais e mãis, aos cuidados de parentes ou até indifferentes, na volta daquelles, mostram-se estranhas a todas as expansões filiaes e esquivam-se, até que, pelos carinhos novamente prodigalisados, volvam aos braços dos progenitores?

Com essas verdadeiras nugas e trivialidades de gosto dubio, termina o Sr. Ottoni o capitulo ou primeiro periodo da vida do Sr. D. Pedro II, occultando, para os fins que tem em vista, a affeição sincera, attenciosa e cheia de consideração que o Impe-

rador desde menino dedicou sempre á condessa de Belmonte, as boas e amistosas relações que entretinha com os seus companheiros de brinquedo, a amenidade e sinezudez de character, a submissão ás ordens e aos conselhos dos que tinham a responsabilidade da sua educação e sabiam zelar a sua dignidade e honrosos precedentes, todos escolhidos com o maior escrupulo, fosse ou não verdadeira a proposição ou dito mais proprio de gente da praça do mercado que o Sr. senador C. B. Ottoni põe na bocca do Sr. D. Pedro I. Com effeito affirma que este monarcha procurara para educar os filhos os melhores e mais notaveis preceptores «para que elle e o mano Miguel fossem os ultimos malcriados da familia de Bragança!»

CAPITULO II

MENORIDADE

Passo agora á apreciação do segundo capitulo do libello biographico do Sr. senador C. B. Ottoni e que comprehende o periodo da menoridade do Imperador.

N'este espaço, que abrange a vida do Sr. D. Pedro II desde o 5º até o 15º anno de sua existencia, o imperterrito analysta diz que a Regencia, estabelecida depois da abdicção de D. Pedro I ou da revolução de 7 de Abril de 1831, tratou de affastar o futuro Imperador de qualquer ingerencia governamental e de completar a sua educação

por mestres, que confessa o Sr. Ottoni terem sido da melhor escolha. Que resultou, porém, d'ahi? O imperial estudante adquirio, de certo, muitos conhecimentos, mas sahio um hypocrita e completo atheu!...

Como assim? Quaes as provas desse nefando atheismo?

O visconde de Itaúna, *seu intimo*, assim dizia, e o Dr. F. Chrispiano Valdetaro, professor de instrucção primaria das princezas D. Izabel e D. Leopoldina, contava um incidente todo burlesco que, pretende elle, não deixa duvida a respeito. Deu-se tal incidente no dia em que fez a proposta afim daquellas Princezas assistirem ás lições de um sacerdote encarregado de preparal-as para a primeira communhão.

Um dito mais que suspeito e uma referencia exdruxula do Dr. Chrispiano Valdetaro, eis as bases em que se estriba um historiador para affirmar que o personagem, cuja longa e respeitada vida tenta descrever professava o atheismo, não tinha religião al-

guma, sendo *todas as praticas e actos demonstrativos do contrario*, durante decennios inteiros,—*pura hypocrisia* e prova manifesta de *profunda dissimulação*.

E ainda em referencia á asseveração Valdetaro, caso a aceitemos, é crível que um homem bondoso, sensato, profundamente illustrado e revestido de um character da maior respeitabilidade, como o Bispo de Chrysopolis fosse logo qualificando o Imperador, seu discipulo querido, sua gloria de preceptor—de *maluco*—quando lhe contaram que este reluctava em chamar um padre, afim de preparar as Princezas para a primeira communhão? Que conceito faria a historia de um prelado capaz de tão estupenda leviandade? Não, mil vezes não, ninguém acreditará em affirmações deste quilate! E', em verdade, o Sr. Christiano Ottoni como historiador de uma credence que chega ás raias da ingenuidade.

Por muito menos não tiveram duvida os

criticos do trabalho da Taine sobre Napoleão I em capitular de perfidia e má fé o processo mental que elle seguiu, servindo-se de *documentos* de origem suspeita, sem fazel-os passar pelo cadinho da mais severa, cautelosa e imparcial critica e depuração.

Mas o Sr. Christiano Ottoni não é homem para recuar diante de affirmação tão grave e então nos diz ainda: «A nota que o Imperador, já na velhice, escreveo á margem do livro de *Pressensé—Les Origines*—não dá, pelo menos, a presumpção de que elle era atheu, comquanto « parecesse catholico e até devoto? »

Pondo de lado a estrambotica noção sobre atheismo contraposto a catholicismo, o que foi que o imperador lançou á margem da obra citada? « Sou religioso ; creio nos dogmas, pela razão de Santo Agostinho—*credo quia absurdum.*»

Replica então o Sr. Ottoni : « O sabio santo não applicou aos dogmas tão san-

grenta ironia—creio por ser absurdo—o que equivale a não crêr; é como se dissesse —creio na Trindade, tres Pessoas Distinctas e um só Deus verdadeiro—creio, porque isso é um absurdo!»

O Sr. senador Ottoni é que dá a mais cabal e incontrovertida prova de que não sabe o que com isso quiz Santo Agostinho dizer, nem o que o Imperador buscou exprimir acompanhando-lhe os passos.

Todas as vezes que um facto ou phenomeno natural póde ser constantemente verificado ou demonstrado com a maxima exactidão pela razão ou pela experiencia, não se precisa nem de fé nem de crença de pessoa alguma para admittil-o e tel-o como certo.

Pouco importa que o Sr. senador Ottoni crêa ou não crêa na gravitação dos corpos, para que esta seja real e indiscutivel.

As concepções ou phenomenos, porem, que escapam á explicação ou indagação pelas leis naturaes, os factos que não pó-

dem ser experimentalmente demonstrados, como os chamados « sobrenaturaes » — por exemplo a virgindade de Maria Santissima, a Trindade, a Consubstanciação da hostia— que a razão humana é impotente para explicar com toda a precisão, factos incluídos na ordem dos mysterios e constitutivos dos dogmas da religião catholica, estes necessitam exclusivamente da crença e da fé sem discussão alguma, para serem aceitos e acatados. Foi por isto que Santo Agostinho, em relação aos mysterios considerados pala Igreja—dogmas—disse, á puridade, que nelles acreditava por muitos motivos e mesmo por que eram absurdos, isto é, escapavam ás leis naturaes e não podiam ser demonstrados

Explique o Sr. senador Ottoni, se é capaz, logica e scientificamente, a Trindade, a Consubstanciação da hostia, a Virgindade da Mãi de Deus! Levará porventura a fatuidade a ponto de fazer suppor que os aceita tão sómente porque os sabe ex-

plicar e por ter no fim das suas meditações encontrado a incognita que escapou a um dos mais illustres doutores da Igreja?

Nem o bom senso, nem a logica podem admittir que um adolescente de indole sã, intelligente e guiado por homens de grande illustração em philologia, em historia, em litteratura, sciencias naturaes e nos mais variados ramos do saber humano depois de «adquirir muitos conhecimentos», segundo confessa o Sr. Ottoni, apresentasse por fim nas relações sociaes— «coração atrophiado e secco»; em religião— «completa descrença» e em illustração— «certa somma de conhecimentos *in omni scibili* que nunca podia permittir-lhe distinguir-se em qualquer especialidade.

Já mostrei que o Sr. senador Ottoni foi de mais que pueril facilidade asseverando que o Imperador não tinha religião e professava o atheismo, quando o soberano, pelo contrario, sem ostentação alguma,

seguia zelozamente as praticas do catholicismo. Quem com elle conversava a tal respeito, por pouco que fosse, não tinha a menor duvida ácerca dos seus sentimentos religiosos.

Sectario decidido como era das doutrinas espiritalistas de Descartes, Victor Cousin e Theodoro Jouffroy, nutria a mais robusta convicção da existencia de Deus e da immortalidade da alma e combatia sempre com toda a energia o materialismo e as idéas pantheistas de Spinoso, Hegel e Goethe sobre a identificação de Deus com o Universo, que aliás corresponde tanto ás nossas necessidades intellectuaes de unidade e ás nossas aspirações. Achava ainda mais que Darwin era credor de sincera admiração por ser um naturalista e zoologo da maior distincção, superior em seu golpe de vista synthetico a Buffon e Quatrefages e um profundo observador, mas que levara demasiado longe as suas induções e deducções sobre a selecção e transformação das

especies. Reconhecia que tivera o merito de haver brilhantemente preparado a doutrina evolucionista tão apropriadamente desenvolvida por Herbert Spencer de encontro ao positivismo de Comte, doutrina aquella que elle admittia, sem as exagerações materialistas de Hœckel e de Romanes, como a mais suggestiva, feliz e perfeita aquisição scientifica.

Atheu sómente poderá proclamar-se ou um ente abjecto, profundamente ignorante e perverso como Ravachol, ou um espirito dominado pelo mais descommunal orgulho e fôfa ambição de gloria mundana e futil, como Voltaire, Frederico da Prussia, e os Encyclopedistas do XVIII seculo ou então algum desmiolado vaidoso que só encontra esse meio para chamar sobre si a attenção dos outros.

Ficou e conservou-se o joven Imperador sempre com o coração atrophiado e secco, insiste por vezes o Sr. senador Ottoni.

Um moço que haurio vasta instrucção na

leitura dos melhores livros, que abraçou os mais puros principios philosophicos e, no estudo continuo das sciencias e das mathematicas, chamadas por Descartes a gymnastica mais util e tutelar do espirito, alcançou o equilibrio fundamental para a reflexão e comprehensão dos phenemenos e das leis moraes e physicas, devia forçosamente apresentar um character que estivesse em relação com os conhecimentos adquiridos e as lições e idéas tão cuidadosamente ensinadas e transmittidas. Do contrario dar-se-hia uma inversão na ordem natural das cousas, podendo-se admittir que mal algum adviria em fornecerem-se á mocidade obras pornographicas e os contos drolaticos de Boccacio, pois que sem duvida, em lugar de perdidos e devassos, se formariam homens de uma moralidade a toda prova e de pureza de costumes invejavel!

Ao envez do que parece pensar o Sr. senador Ottoni, procede o character das noções e impressões resultantes do consciencioso e

meditado manuseio dos bons livros e dos exemplos transmittidos, sendo aquellas ajudadas por vontade pura e alevantada.

Para destruir, porém, as mais nobilitantes aspirações da alma do joven monarcha alli estava, diz o Sr. Ottoni, junto delle, o sabio mas «astuto frade», bispo de Chryso-polis, que além de lhe ensinar mathematica, arvorara-se em mentor politico e insinuava as maximas de Machiavel, que em seu conceito viriam a ser bem uteis, até indispensaveis ao illustre discipulo!

Vir dar existencia e corpo a factos imaginarios, e perante a razão e a logica manifestamente falsos, é levar longe de mais o que a honra e a liberdade de acção permittem a um historiador. Para que o Sr. senador Ottoni desse ao Imperador um character menos odiento e feio, como aliás promettera no prefacio do seu trabalho, tendo-o aqui, na quasi totalidade deste capitulo, em conta de um moço profundamente dissimulado, de coração atrophiado e secco,

etc., tudo antinómico ao que se devia deduzir dos factos observados, bastava ter procurado indagar qual a deferencia, estima e affecto que o Imperador de continuo dispensou aos seus mestres, esse mesmo Chryso-
polis, barão de Taunay, Schuch, Lippold, Koch e outros, qual a amena e commo-
vente cordialidade com que sempre tratou os seus camaradas de folguedos infantis e de mocidade, como Capanema, Escragnolle, Martins Pinheiro, etc., qual a suprema benevolencia, brandura e paciencia com que ouvia a todos que o procuravam, quaes os soccorros particulares ou auxilios prestados no maior sigillo aos que recorriam á sua inesgotavel grandeza d'alma, quantos moços de então e que estão hoje desfructando os encantos desta *benefica* Republica, elle á custa de seu bolsinho mandou educar, aqui e na Europa; qual o seu desprendimento de todas as vaidades do mundo: emfim, os actos diarios d'aquella estupenda existencia, que constitue

a gloria mais pura e refulgente do Brazil!...

Fazendo pairar o seu magestoso espirito acima de qualquer paixão menos nobre e do egoismo, frequentemente dizia quando se observava que talvez soccorresse a muita gente desnecessitada «que em todo o caso se sentia feliz, porque era possivel que a sua esmola livrasse da desgraça e da fome um de entre cinco que a recebiam» «*Il sgreto della felicità è de render gli altri felici*, dizia o eminente pregador italiano frei Agostinho de Montefeltro. Parecia tambem ser a divisa do Sr. D. Pedro II o que Cicero disse em seo *Dialago sobre a amizade: fructus enim ingenii et virtutes omnis que prestantiæ tum maximus capitur, quum in proximum quemque confertur.*

Para se deprender e asseverar que tinha o coração secco e atrophiado, não basta o facto de haver o Imperador, na inauguração de um tunnel da estrada de ferro, deixado de nomear o director dessa estrada

conselheiro de estado e de distinguil-o logo com um titulo nobiliarchico. Verdade é que ahi ficaram sem compensação condigna o bravo e as palmas entusiasticas que aquelle director soltou e deu, quando um grande dignitario do Imperio, ao ver o monarcha transpor o tunnel, gritou: « Viva o Imperador ! » Bem diz o grande epico portuguez: *Um forte Rei faz forte a fraca gente !*

E' da maior necessidade a enumeração e apresentação de factos positivos, bem firmados, logicamente analysados e comprobatoriamente concludentes. Isto não fez o Sr. senador Ottoni, dominado pela idéa fixa, ou verdadeira monomania, de que a criança que perdeu a mãe em tenra idade, como aconteceu ao Imperador, e della não ouviu historias da carochinha, etc., está irremediavelmente condemnada a ficar com o coração atrophiado e secco e a não ter elevados sentimentos, como elle repete no capitulo que de relance estou apreciando.

Não era, porém, o Imperador tão sómente um moço atheu, sem religião alguma e de coração secco e atrophiado: «dispunha apenas de *certa somma de conhecimentos in omni scibili (?) que nunca permittio-lhe distinguir-se em especialidade alguma, predominando uma hypocrisia, astucia e habil dissimulação* bem caracterisadas pelo *Quero já.*» (Textuaes palavras.)

Não podia o Sr. D. Pedro II ser tido em conta de um sabio no rigor absoluto da palavra, mas era um espirito grandemente illustrado, dispondo de conhecimentos vastos e não vulgares em todos os ramos do engenho humano.

Os mais notaveis philosophos, litteratos, historiadores, medicos, pintores, esculptores, naturalistas, philologos, engenheiros, astronomicos e mathematicos, tanto da America do Norte, como da Europa que tiveram occasião de ouvi-lo e de com elle con-

versar são unânimes na consagração de que era um homem superior

Não é de crer que tanta gente que vivia totalmente fóra da atmosphera da côrte, fosse representante só da bajulação e da baixeza, ficando em sobrançeria e dignidade mil furos abaixo do Sr. senador C. B. Ottoni.

Que o proclame para todo o sempre essa pagina unica da historia : o commovente, nunca visto e solemne prestito funereo do Imperador brasileiro, que acompanhei transido de magoa e com os olhos cheios de lagrimas, atravessando as vastas avenidas de Pariz entre alas compactas do exercito francez e de uma multidão silenciosa e reverente, de muitas centenas de milhares de pessoas, e depois uma parte do territorio da França, Hespanha e Portugal, e recebendo da Europa inteira corôas, flores e o justo preito que se deve á virtude, ao sacrificio e à abnegação ! São provas estas que fallam alto, muito alto, esmagando o furor da injustiça e da raiva.

Aliás a confissão da grande superioridade do Sr. D. Pedro II fel-a o Sr. senador C. B. Ottoni por varias vezes. No *Parahybano* de 23 de Março de 1864 sahio publicado um discurso do Sr. senador Ottoni em resposta a um brinde que lhe dirigio o Dr. Pereira da Cunha por occasião da inauguração do novo trecho da Estrada de ferro de Pedro II, discurso que terminou pelas seguintes palavras : « tal é o beneficio, que, sem desconhecer, nem menosprezar o já outorgado, mas simplesmente como um passo de mais na carreira do progresso, me cabe hoje a infinita satisfação de offerecer-vos, não, Senhores, em meu proprio nome, muito pequeno e humilde para tanto, não propriamente em nome de capitaes particulares congregados em associação mercantil, mas principalmente em nome dos poderes publicos à custa dos recursos da communiidade e para resumir tudo em uma só palavra que apreciareis devidamente— em nome da *elevada intelligencia*

que preside os destinos do Brazil..»

Respondendo na mesma noite de 21 de Março de 1864 ao Dr. Marinho da Cunha, elle disse: «Uni, compatriotas, os vossos aos meus votos e de todos os brazileiros; será o melhor dos meios de nos mostrarmos *agradecidos pelo beneficio* que quasi nos bate á porta, ao corpo legislativo, ao poder executivo *e mais que tudo á Alta Entidade* a quem a Nação confiou os seus destinos!»

Esquecendo tudo isto, o admirador então da mais elevada intelligencia e d'essa alta entidade, a quem a Nação confiou os seus destinos, no intuito de insinuar no espirito dos Jacobinos que lhe cabe prioridade na construcção da 2.^a secção da Estrada de ferro de Pedro II, vem dizer no Senado, em Novembro de 1895, discutindo a desorganisação que desde a proclamação da Republica se nota nos serviços d'essa via ferrea ter sabido «que em certo dia, em alta conferencia, lamentando-se que se deixassem entrar

tantos milhões para depois confessar fiasco, exclamou *voz poderosa* : «deixem-no ; se não fizer a Estrada, é homem perdido !»

Em primeiro logar, os estudos e planos para as obras da 2.^a secção da Estrada de ferro não foram feitos pelo Sr. Ottoni, mas pelo major Ellison e outros engenheiros americanos conctratados para isso. O Sr. Ottoni accitou os planos e os submetteo á approvação do governo e apreciação do Imperador. O governo não os queria approvar, mas o Imperador deo apoio decisivo e favoravel ao Sr. Ottoni, e influio para que o governo os approvasse. Em segundo logar, o Sr. D. Pedro II não era chefe de estado, a moda dos presidentes que nos tem dado a republica : elle prezava a honra da Nação e zelava com solicidade os dinheiros publicos, e, só para ver um homem perder-se, não havia de querer que se dispendessem inutilmente 32 mil contos .. Elle estava convencido da exequibilidade das obras, e á sua solicidade se deve exclusi-

vamente a realização d'ellas, atravez da Serra do Mar até a Barra do Pirahy.

Sem o apoio do illustre Soberano talvez a Estrada de ferro não tivesse passado dos pantanos de Belem, e entretanto d'essa estrada apagaram e eliminaram o seu glorioso, popular e immortal nome, para substituil-o, em signal de quanto póde a gratidão nos republicanos, por outro menos suggestivo e de feição méramente convencional ou sem significação alguma.

Um principe que tinha de applicar a sua attenção e intelligencia a um sem numero de questões scientificas e litterarias, além das politicas e sociaes de todo o genero, que se agitavam em um paiz vastissimo e onde tudo tinha de ser creado e receber o influxo primordial e consequente desenvolvimento, não podia nem devia dedicar-se ao estudo profundo de uma especialidade, sob pena de commetter graves faltas e não comprehender, como acontecia com varios dos nossos homens de governo, o valor de muitas in-

stituições ou já existentes, mas de pouco incremento, ou que tinham de ser creadas ou favoneadas a todo o momento pelo bafejo dos poderes publicos.

Esse espirito reflectido, calmo, sereno e paciente que o Sr. senador Ottoni qualifica de hypocrita, astucioso, dissimulado e machiavelico, por causa do—*Quero já*—pronunciado, pelo que pretendem, por occasião da maioridade, recebe a mais solemne confirmação e serve para mostrar o falso conceito do Sr. Ottoni, não sómente pelas razões que provocaram esse dito—*Quero já*—e de todos são conhecidas, como pela nota que o Sr. D. Pedro II escreveu á margem da biographia do conselheiro Furtado por Tito Franco de Almeida.

Diz o Sr. Ottoni que nessa nota o Imperador não negou o—*Quero já*—mas tambem não affirmou que se tivesse expressado desse modo. Se accedeu, fôra antes por incitamento das pessoas que o rodeavam, do que pelo desejo de ir tomar as redeas do governo.

Com effeito esse dito já foi por modo bem plausivel explicado pelo Dr. Luiz Francisco da Veiga em um folheto que deu a lume sobre D. Pedro II. N'elle diz o historiador que os promotores da maioridade tendo mandado saber do Imperador *si queria* que esta fosse declarada sem demora ou adiada para o dia 2 de Dezembro, elle então respondera: *Quero já.*

Em todo o caso contra o que o monarcha com a vehemencia que o caso exigia protestou no Instituto Historico, averbando de fundamentalmente falso, foi que tivesse illudido o Regente e seus ministros, e entrado em conjuração, conforme affirmou o Sr. Theophilo Ottoni em sua circular pamphleto e ainda tem o apoio do Sr. Christiano Ottoni.

Quem cercava o Imperador menino, dizem os dous irmãos, eram o Regente e os ministros que não queriam a maioridade: portanto os maioristas que obtiveram o — *Quero já* — deviam vel-o em conferencias

occultas. Não passa isso de uma asserção falsa e gratuita.

Ninguém ignora que o Regente e seus ministros não eram, nem podiam ser, as unicas pessoas que se acercavam do joven principe. Com este viviam medicos, camaristas e muitas outras pessoas importantes da côrte, que, relacionadas, como é sabido por todos, menos pelo Sr. Ottoni, com os mais influentes e decididos partidarios da maioridade fizeram com que o Sr. D. Pedro II naquella grande crise se exprimisse por aquella fôrma bem discutivel, ou por qualquer outra approximada.

Em resumo : dos 5 aos 15 annos o Sr. senador Ottoni nos dá o Imperador entregue, com o coração atrophiado e secco, aos seus estudos, e transformado depois em um moço astuto, hypocrita, dissimulado, machiavelico, atheu, sem crença nem religião. Onde a honorabilidade do homem? Vejamos se esta foi consignada nos outros capitulos. —

CAPITULO III

EFFECTIVO REINADO

O terceiro capitulo, que abrange o effectivo reinado ou o periodo de 49 annos em que o Sr. D. Pedro II esteve á testa da nação como soberano, foi pelo autor do libello biographico dividido em oito paragraphos. Acompanhal-o-hei *pari passu* nas suas falsas pesquisas historicas.

§ I — 1840-1848

Occupá-se exclusivamente neste paragrapho o inimitavel historiador em referir as intrigas politicas que tiveram curso nos primeiros annos da maioridade, imputando

sem a menor cerimonia ao Imperador todos os males resultantes da organisação dos partidos e da viciação do regimen parlamentar e apresentando o monarcha com o *defeito de se considerar um genio*, supposição mantida pelos cortezãos, sem esquecer de guindar á altura de estadista o seu irmão Theophilo Ottoni.

D'ahi a sua estranheza e admiração porque este, ouvido em todas as organisações de ministerios liberaes e que havia conspirado para a maioridade, não fosse chamado ao governo do paiz!

Nem sobre as causas determinantes da maioridade, sobre o estado do espirito publico antes e depois desta declarada, a extrema agitação dos partidos politicos e a violenta effervescencia das paixões e dos odios que as regencias haviam provocado, a grave indisciplina que reinava nas guarnições, quer da côrte, quer das provincias, escreveu o Sr. senador Ottoni uma linha só, que ao menos servisse para dar idéa, em-

bora longinqua ou leve, do papel que o joven Imperador representou para conservar o seu throno inabalavel e viver, apesar de muito moço, acatado sempre e cercado de todo o respeito e prestigio. Ah! Estou enganado ao menos em um ponto : O Sr. senador Ottoni apresenta o motivo por que foi declarada a maioria—o seu irmão Theophilo, os Andradas, Hollanda, Limpo de Abreu e Jequitinhonha *planejaram o movimento, principalmente para galgarem o poder!!* (Textuaes palavras.)

Se assim foi, o que não é exacto, pelo menos em relação aos Andradas, a Hollanda e Limpo de Abreu, aquelle intuito fica abaixo de qualquer qualificação. Mais digno, mais nobre e desinteressado foi, sem duvida, o procedimento de um Regente que, em publico e numa época de gravissima conturbação, em que convinha antes do mais firmar o principio da autoridade, quiz dar uma lição na significativa demonstração de res-

peito e não de baixeza, curvando-se, não ajoelhando-se e beijando a mão d' Aquelle em nome de quem estava exercendo funcções magestáticas. Esse mesmo homem, depois, em outros elevados cargos, prudente e reflectido, prestou com a maior dedicação os mais relevantes serviços ao Brazil, devendo a historia patria registrar a sua memoria como a de honesto e benemerito estadista, de preferencia á daquelle ou daquelles que *só para galgarem o poder* tramaram uma *conspiração*, que poderia ter trazido a *conflagração do paiz inteiro*.

Com excepção do papel pouco decoroso que o Sr. senador Ottoni confere a seu irmão e aos outros companheiros de conjuração, enche elle quasi todo esse paragra-pho, a proposito do factó de ter o Regente beijado a mão do joven Imperador, com as mais injustas apreciações sobre a acção e character do marquez de Olinda e a influencia que este exerceu na direcção dos negocios publicos, qualificando-o, em uma nota,

de homem funesto, o mais funesto de todos á *politica do Brazil*, e imprimindo um sainete todo particular á historia da exoneração desse illustre brasileiro do cargo de ministro do Imperio a 17 de Novembro de 1823.

Sobre este ponto a balela do Sr. senador Ottoni já soffreu duas irrespondiveis refutações baseadas em *documentos authenticos*, que deixaram bem patentes não ter sido a exoneração na época indicada pelo Sr. Ottoni e haver ella sido concedida a pedido, tendo o marquez de Olinda, então Dr. Pedro de Araujo Lima, feito parte do ministerio tres dias, e não sendo levado a deixal-o para aproveitar-se das vantagens, aliás problematicas, de uma revolução que só arrebentou em Pernambuco muito tempo depois.

Não é attribuindo leviaamente intuitos pouco dignos que se conseguirá em qualquer occasião apagar da historia a aureola brilhante que cêrca a longa e honrosa vida

publica de um dos mais notaveis estadistas do Imperio.

Em todo caso o Sr. senador Ottoni guardou silencio sobre os mais importantes acontecimentos que se deram no tempo de que se occupou, taes como o casamento do Imperador, a extincção das revoltas e pacificação generosa do Maranhão, de Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do Sul, a viagem a essas duas provincias, as reformas da instrucção primaria, secundaria e superior, a organização do corpo de permanentes e guarda nacional, as relações com os paizes vizinhos, etc., etc. Tudo isso ficou no limbo do esquecimento!

Que fazia, porém, o joven Imperador nesse periodo da vida—entre os 16 e 23 annos? Espreitava « machiavelicamente, astuciosamente, » as occasiões azadas para augmentar, a mais e mais, o seu poder!!...

Teve como mentor, diz o Sr. Ottoni, nos principios do reinado, Aureliano de Oliveira Coutinho, mas depois « dispensou

tudo e a todos e iniciou o systema que sempre seguiu, o de conservar os dous partidos sufficientemente fracos, para que um em opposição fosse sempre efficaz ameaça do outro, sobrenadando a vontade do senhor! »

Quaes os factos ou documentos comprobatorios de tão arriscada asserção? Nenhum!

Continúa, entretanto, o estribilho: Em todo esse tempo, muitas pessoas que frequentavam o paço diziam (sempre o *consta* e o *dizem!*) que Sua Magestade não tinha affeição a pessoa alguma— « secura e atrophia do coração que os cortesãos commentavam nestes termos: signal de ser estadista; guia-se pela cabeça e não pelo coração! » (Redacção e palavras textuaes.)

Reproduzir bisbilhotices desse theor como valiosas indicações biographicas a respeito de um homem eminente, cujo nome se liga por espaço de 49 annos a toda a historia do Brazil em suas innumeradas re-

lações civis, politicas, commerciaes, industriaes, administrativas e internacionaes, etc., etc., é na verdade zombar ou escarnecer do bom senso e do criterio brasileiro.

Se é exacto, o que aliás muita gente contesta, que Paula Souza deixára, em 1848, o ministerio profundamente desgostoso, segundo o Sr. Ottoni, pela intervenção do Imperador em todas as minucias administrativas, falseando assim, na opinião do velho estadista, o governo representativo, longe de merecer censuras, é o facto digno de elogios, por mostrar quanto o Imperador, na flôr dos annos, se entregava a penoso labor e procurava adquirir experiencia na direcção dos negocios publicos. Entretanto, o facto real é outro mui diverso: Paula Souza sahiu do ministerio, porque, homem justo e consciencioso, não podia mais fazer frente ás continuas e terribes exigencias do seu partido no designio de extinguir os adversarios. Desculpava-se então, na cruel oppressão da politicagem,

com a recusa do Imperador em assignar os papeis que lhe eram apresentados.

E' este o ponto que devia ser estudado a fundo e que explica ditos da maior injustiça e imprudencia até da bocca de não poucos dos nossos homens de Estado, como o do visconde de Itaborahy, de que o Sr. D. Pedro II reinava, governava e administrava, o do Sr. Zacarias de que era innegavel a intervenção indebita da corôa, mas que a barra por onde sahira o primeiro Imperador não se tinha estreitado, ou então a sybillina exclamação do barão de Cotegipe: *Allah é grande e Mahomet é seu propheta!*

Felizmente o Sr. senador Ottoni admitte, mas sempre com a resalva adiante de coração secco e atrophiado, sem affeição a pessoa alguma, character manhoso, astuto e hypocrita, que « em todo esse tempo o comportamento do joven Imperador foi correcto, ninguem lhe attribuiu *desordens*, mesmo das que *são communs*

(o que contesto) aos moços da sua idade.»

Continuava elle a cultivar a intelligencia, estudava assiduamente os negocios publicos, *fazia* muitas esmolas, recebia com benevola cortezia a todos que o procuravam; mostrava-se *sisudo* e bem educado, *desempenhando o programma* do pai: « Pretendo que eu e o mano Miguel *sejam* os ultimos malcriados da familia de Bragança! » (Redacção e palavras textuaes.)

Deixando de lado algumas incorrecções de linguagem, como « *fazia* esmolas » em lugar de dar esmolas, e o « pretendo que eu e o mano Miguel sejam » em vez de sejamos, e a insistencia desse estribilho de máo gosto; não posso, de modo algum, conciliar a affirmativa de que o joven soberano se mostrasse *sizudo*, *esmoler*, dedicado á cultura de sua intelligencia e dotado de maneiras distinctas, com os predicados que deveria ter um moço dissimulado, astuto, hypocrita, atheu, sem crenças religiosas, sem sentimento affectivo, de coração atro-

phiado e secco e allucinado pelo gozo de um poder em que só dominasse a vontade do senhor! São estados e condições que não se harmonisam, *qui hurlent d'être ensemble*; e fôra muito curioso que o Sr. senador Ottoni, qual outro Paulo Bourget, nos destrinçasse a original psychologia desse novo *Discipulo*.

Em relação ao atheismo, disse Ernesto Renan: « Não acreditasse a humanidade na existencia positiva de um Deus, e no dia seguinte o mundo inteiro cahiria no mais desbragado aphrodisismo! »

Em nobre e elevada linguagem disse Thiers: « C'est l'intelligence qui découvre l'intelligence dans l'univers, et un grand esprit est plus capable qu'un petit de voir Dieu à travers ses œuvres. »

§ 2º—VICIO DAS ELEIÇÕES

Neste paragrapho, que parece ainda conter o periodo da vida do Imperador de 1840 a 1848, posto que o autor da biographia, no

baralhamento e confusão das datas e por falta de methodo na exposição, refira sem necessidade factos que se deram em 1881, trata o Sr. senador Ottoni do que elle chama—vicio das eleições—com todas as anedotas, censuras e apreciações já tantas vezes combatidas e « mais estranguladas do que foi a revolução do Rio Grande do Sul » ou reduzidas ás suas verdadeiras proporções, quantas reproduzidas, sómente com o fim, que tiveram em todos os tempos os politicos despeitados, entre nós, de lançar odiosidades sobre o Sr. D. Pedro II.

Que culpa tinha e teve o monarcha de serem as eleições viciadas e de não exprimirem a opinião real da nação? Não eram ellas obra exclusiva dos partidos? Em que se estribavam estes senão no predomínio exclusivo sem outro intuito ou plano senão de esmagarem os adversarios, afim de poderem ficar no gozo indefinido do governo? Não foi, algumas vezes, em virtude de vastas derrocadas e de perseguições inauditas

como represalias do partido que subia sobre o que era apeado do poder, que se deram revoltas sérias e sangrentas, como a de 1848 em Pernambuco? Comparem-se, comtudo, as eleições de outr'ora com as que temos tido desde o celeberrimo regulamento Alvim até hoje, e decida a opinião publica.

Nunca foi o Imperador tido por chefe, nem organisador ou inspirador de qualquer dos partidos politicos. Que interesse poderia ter elle em que as eleições fossem viciadas? « Immenso e evidente, diz o Sr. Ottoni, porque o poder de que dispunham os ministros não era mais que a omnipotencia do seu eleitor; não ha negal-o... Livre o Imperador do perigo de ver reeleita uma camara dissolvida, o seu capricho não tinha limites nem freio! »

Devo lembrar que o Sr. Ottoni disse anteriormente que a politica do Imperador tendia exclusivamente em conservar os partidos enfraquecidos para fazer sobrenadar a vontade de senhor, e agora faz pesar

sobre os ministros, que eram os representantes desses partidos, um grande poder para o mesmo resultado. Far-me-iam antes o bom senso e a logica admittir, que se eu quizesse augmentar ou firmar a minha omnipotencia, em lugar de sustentar um systema eleitoral que dava tanto poder aos meus ministros, procuraria pelo contrario destruil-o, para que esse poder não trouxesse embaraços e limites aos meus caprichos. Para o Sr. senador Ottoni, porém, o bom senso e a logica regulam-se por outras leis e por outros processos mentaes, lá da sua feição e conducentes ao fim que elle tem em vista.

Montada a machina eleitoral com todos os aperfeiçoamentos e engrenagens que a má fé e a ambição dos politiqueiros poderiam suggerir em favor da sua preponderancia—sem ter, comtudo, a admiravel peça incluída pelo Sr. Alvim—e mystificada depois pelos agentes eleitoraes, talvez que chegasse a dar a victoria a um ministerio organizado

pelo *cocheiro-mór* ou pelo *chefe das cosinhas* do Imperador, como pitorescamente diz o Sr. senador Ottoni, reproduzindo mais uma chocarrice insultuosa assacada por um jornal da época. Ahi estão entretanto os *Annaes* do parlamento e os escriptos dos publicistas mais notaveis do reinado do Sr. D. Pedro II para deixarem fóra de duvida que o Imperador, dominado pelos mais puros sentimentos de justiça e inconcussa honestidade, sempre se esforçou para que os seus ministros não interviessem nas eleições e recommendassem instantemente aos seus delegados nas provincias não coagissem a liberdade do voto, nem perseguissem aos que della usassem. Varias mudanças de situação e retiradas de ministros não tiveram, ás vezes, por causa senão inauditos escandalos e falsificações de eleições, animados e executados por ordens occultas de alguns ministros, que, com a maior impudencia e faltando a promessas formaes, haviam intervindo no pleito e au-

torisado acintosas e pesadas perseguições aos adversarios.

Tão manifesta se fazia sentir a interferencia do Imperador na direcção dos negocios publicos, diz o Sr. Ottoni, que Euzebio de Queiroz, ao retirar-se do ministerio de 1848, declarou que era preciso não ter vergonha quem, uma vez ministro do Sr. D. Pedro II, aceitasse pasta segunda vez!

Esta asserção, propalada como verdadeira e que não podia deixar de ser aproveitada pelo Sr. Ottoni, carece ser rectificada. De mais de uma pessoa que conversava sobre politica com o Imperador, entre outras do illustre senador nos ultimos tempos da monarchia o Sr. visconde de Taunay, ouvi dizer que o Imperador referira, que, havendo a respeito feito delicada allusão a Euzebio de Queiroz, a quem sempre teve na mais alta consideração, este lhe retorquiria :

« Senhor, prezo-me, mais que tudo, de ser um homem bem educado para que

tivesse proferido semelhantes palavras ! »

Além d'isto, em uma nota lançada pelo Imperador á margem do folheto *O Sr. D. Pedro II e o 7 de Abril de 1887*, do Dr. Luiz F. da Veiga, e que tenho á vista, leio: « *Sei que Euzebio não se referia a mim. Fez uma ou duas semanas como veador, depois de ministro, e sempre se mostrou meu afeiçoado.* » No mesmo folheto o dito, attribuido a Euzebio, é apresentado em termos que não têm nada de comparavel com os que o Sr. senador Ottoni sentio o triste prurido de vulgarisar: « No Brazil nenhum homem de dignidade podia ser duas vezes ministro. »

Seja, porém, como fôr, Euzebio de Queiroz, homem distinctissimo, parlamentar de primeira ordem pela ponderação das idéas e por ardente patriotismo e a quem o paiz deve os mais eminentes e inolvidaveis serviços, Euzebio de Queiroz, um dos maiores vultos do partido conservador, tinha

*o livro
de Augusto
de 2000*

um grande defeito—o exclusivismo em politica e a inexorabilidade para com os adversarios. Não contente com esmagar a revolução, que as medidas e os actos do seu ministerio tinham feito arrebentar em Pernambuco, queria levar longe de mais os meios que deviam trazer para sempre o aniquilamento do partido liberal adverso. Como o Imperador não quizesse decretal-os, retirou-se do governo e nunca mais entrou em combinação alguma ministerial, ou por isto, ou pela perda irreparavel que soffreu com a morte de sua senhora, e que o acabrunhou, com effeito, por longos annos.

A má organização dos partidos, sem idéas nem principios fixos que lhes servissem de linha bem certa de discriminação, tendo cada um, não um chefe ao qual obedecesse, mas muitos, todos dominados antes pela ambição do mando do que pelo sentimento do bem publico, guerreando-se, ás occultas ou ás claras, uns aos outros, ora, com intrigas mesquinhas e deprimentes,

ora com a clava decisiva das eleições, tudo isso deu em resultado ficar o partido conservador, que tinha mais cohesão e espirito de disciplina, senhor absoluto do campo politico por muito tempo, sem peias nem embaraço serio dos contrarios, como ahi está a historia para confirmar. Ainda serve este facto para mostrar a insubsistencia da asseveração do Sr. Ottoni, quando affirma no § 1.^o que o Imperador *sempre* seguiu o systema de conservar os dous partidos *sufficientemente fracos*, para que um em opposição fosse constante ameaça ao outro, *sobrenadando a vontade de senhor!*... Foi sempre este o estribilho vão e incessante por parte dos politiqueros do partido apeado do governo, os quaes não se julgavam fartos das injustiças commettidas contra os adversarios e anciosamente esperavam a hora da desforra, buscando apressal-a por todos os meios ao seu alcance e até pelo terror.

Em todo o caso é falsa a asserção, pois

que de 1848 a 1861 esteve o paiz sob o dominio exclusivo dos conservadores. E o que todos conheciam era que esse estado de cousas, em que a voz do partido liberal ou pelo menos de uma parte da nação, não se fazia ouvir nas decisões dos negocios publicos e na discussão e promulgação das leis, em extremo affligia o Imperador que « não cessou nunca de batalhar pela pureza das eleições, » suscitando sempre aos seus ministros diversos alvitres para se chegar a esse resultado. A' pessoa respeitavel, digna de toda a fé, disse uma vez Sua Magestade com tom de sincera angustia e nobre inveja: « Quanto é feliz o soberano da Inglaterra por conhecer a opinião certa da nação e por ella poder guiar-se! »

Do mesmo modo que ao Imperador, era bem provavel que áquelles que deixavam o governo e viam que com a machina eleitoral existente e com tanta perfeição montada para a fraude, tão cedo não gozariam das delicias do poder, occoresse a conveniencia

de uma reforma na lei das eleições. E', contudo, *inexacto* que desde 1848 até 1860 *a reclamação se tornasse popular e se fizesse manifesta a necessidade de basear a reforma na eleição de um só gráo, etc., e que a esta aspiração* Sua Magestade *se oppuzera por longos annos*, allegando sempre: « Depende de reforma da Constituição e não é prudente tocar nella. » Esta affirmação, que aliás não se basêa em documento algum, é ainda graciosa e delicadamente adubada pelo Sr. senador Ottoni com a aggravante de que a boa idéa foi sacrificada porque também « *da parte dos nossos homens publicos havia infelizmente muita subserviencia!* »

Quaes foram porém esses homens publicos que tomaram parte activa na direcção politica do paiz, e sobre quem o Sr. Ottoni não teve duvida em lançar o labéo de subservientes? Marquez de Paraná, Pimenta Bueno, Uruguay, Nabuco, Saraiva, Cote-

gipe, Rio Branco, Zacarias, Sinimbú, Itaboraahy, Sayão Lobato, Bom Retiro, Jaguary, Manoel Felizardo, Paulino de Souza, Ouro Preto, Lafayette, Silveira Lobo, Martin Francisco, José Bonifacio, Dantas, Martinho Campos, etc., etc., toda a pleiade de estadistas, que tão brilhante rasto de luz deixaram de si no periodo indicado pelo Sr. senador Ottoni!

Não havia em S. Christovão sereia para dobrar ignominiosamente tão altivos caracteres e transformal-os em simples capachos. O que havia alli era um homem, um monarcha honrado e illustradissimo, que discutia as questões, as encarava sob todos os pontos de vista, as aprofundava, e queria ser esclarecido pelo facho luminoso da razão. E, muitas e muitas vezes, o foi antes de tomar graves resoluções que, se sahisses contrarias aos interesses da nação, haviam de ser exploradas damnosamente pelos exaltados e demagogos.

Entendia bem ou mal o Imperador, que a

reforma por eleição directa só se poderia fazer precedida da reforma da constituição? Eis ahí a questão, que aliás só foi agitada em 1878 e não no periodo entre 1848 e 1860.

Partilhando essa opinião havia não poucos homens politicos de peso, entre outros, Silveira Martins, Ouro Preto, Sinimbú, cuja chamada para realizal-a por esse modo até o Sr. Ottoni acha que foi logica. O mais não passa de fantasias do biographo para ter occasião de dizer que a politica do Imperador de 1840 a 1880 (coisa que elle mais aborrecia na vida) foi a da sua exclusiva vontade, disfarçada *hypocritamente*, o que mostra bem a *honorabilidade do homem*, com um parlamentarismo petrificado pelas eleições. Pretende mais que chamando o Sr. Saraiva, um dos sustentadores da reforma por simples lei ordinaria, não *havia sido sincero*, pois esperava que o senado a rejeitasse, visto que conhecidos cortezãos *contavam* que elle nas

palestras com os semanarios lhes dizia: *Estou vencido—não convencido!*

E' uma verdadeira graçola proclamar a honorabilidade de um soberano e assegurar depois que elle empregava na direcção do Estado processos semelhantes aos que acabam de ser indicados. Felizmente é tudo isso inexacto e falso, falsissimo que o Imperador nas palestras com os seus semanarios jámais tocasse em ponto algum referente á politica ou sobre o que se agitava a esse respeito nas duas casas do parlamento. Quando queria trocar com algum delles qualquer idéa sobre tal assumpto, era sempre em particular, com a maxima reserva e em uma saleta bem retirada. Nas palestras geraes fallava-se de theatros, instrucção publica, methodos de ensino, litteratura, viagens, descobertas recentes mais importantes e algumas vezes sobre sciencias e artes; nunca e nunca sobre politica, nem mesmo em crises e difficuldades ministeriaes, quaes eram ou poderiam ser os no-

vos ministros, etc.. Tanto horror tinha á politica que nessas crises por elle creadas e afagadas, no pensar do Sr. Ottoni, deveria o seu espirito passar por bem crueis transes. Com effeito nessas dolorosas occasiões a sua physionomia se alterava, se decompunha e no todo mostrava tal depressão, que parecia como que sahido apenas de gravissima enfermidade.

A reforma de 9 de Janeiro de 1881 (eleição directa), diz o Sr. Ottoni, não produziu todos os bens della esperados, mas trouxe algum melhoramento: acabou com as camaras unanimes. Não é verdade. Antes da citada reforma havia-se feito outra então vigente com representação das minorias pela lei do terço; portanto anteriormente áquella já não eram as camaras unanimes, nem as houve senão excepcionalmente.

Se a reforma de 1881 tornou possivel a derrota de ministros que concorreram ás urnas foi porque a eleição, no primeiro anno, logo após a publicação da nova lei,

teve de ser feita sob a direcção do Sr. Saraiva, que á proverbial honestidade politica reunia a maxima indifferença pelo poder e costumava com effeito proclamar que a sua maior gloria estaria em ver o ministerio, de que era chefe, derrotado nos comicios populares. E assim foi, a palavra não cahio n'agua! Os outros gabinetes, porém, que lhe succederam nunca mais recommendaram aos seus delegados, como fez o Sr. Saraiva, que não cortassem as vazas aos adversarios politicos, nem levaram tão a peito as normas fundamentaes de um governo moralizado. Tambem raros viram um só de seus membros derrotado. Era eleito certo numero de adversarios opposicionistas, mas não era destes que os ministerios temiam lhes proviesse a derrota, mas sim dos proprios correligionarios. O Sr. Paranaguá que diga se isto não é verdade, já que não posso invocar o testemunho de Zacarias, Furtado, Martinho Campos, illustres victimas como muitos outros, de seus proprios

amigos politicos, que queriam todos ser chefes e só tinham por lemma ou divisa : *Ote-toi de là qui je m'y mette!*

Desengane-se o Sr. senador Ottoni : são as paixões e ambições que produzem em politica essas lutas deshonestas, e logo que nos partidos e governo não ha moralidade, não se poderá contar com a pureza eleitoral, qualquer que seja o systema adoptado. Aos tempos de agora estava destinada a mais completa confirmação ; ha de concordar.

§ 3.º—1848-1864

No terceiro paragrapho, que abrange o periodo 1848-1864, o Sr. senador Ottoni apresentou-nos o Imperador todo absorvido na cogitação machiavelica de alargar as suas vastas attribuições no exercicio do poder moderador, que lhe era privativamente reservado e entre as quaes se incluia a faculdade de dissolver a camara dos deputados, a livre nomeação e demissão dos ministros e

a escolha de senador em listas triplices de cidadãos eleitos. Por isto elle conclue que o Imperador, de posse dessas attribuições magestáticas, irresponsavel, sem necessidade de referenda ministerial, poderia, se quizesse, fazer ministro o seu criado, ou senador o seu cavallo *Incitatus!*

A simples supposição de que o Sr. D. Pedro II pudesse praticar acto igual ao de Caligula, hediondo monstro moral, é um ultrage indigno e revoltante a tão inteemerata memoria!

Se o poder immenso e sem limites em que á larga se achava a vontade do pretendido autocrata, provinha do vicio das eleições e da subserviencia dos ministros, de minima importancia fôra, para maior expansão dessa colossal omnipotencia, a exigencia da referenda ministerial, embora marcada pela constituição, porquanto nenhuma difficuldade e embaraço haveria em obtel-a dos titeres que rodeavam o throno... Eis o resultado a que chega quem não sabe

tirar conclusões logicas das premissas estabelecidas, premissas aliás assentadas pela paixão obcecadora ou pelo desejo de denegrir.

Depois, o proprio Sr. Ottoni nos diz que a questão da referenda ministerial em qualquer acto privativo do poder moderador havia sido discutida por eminentes publicistas brasileiros, opinando uns pela sua necessidade, outros no sentido contrario, pelo que ficára a solução dessa these constitucional ainda duvidosa. Nunca tivemos em todo o caso—e não ha brasileiro com juizo perfeito que conteste—como chefe do Estado um doudo varrido ou um cynico infame para aventar a possibilidade sequer de nomear ministro—o seu criado particular ou o chefe das suas cosinhas—ou senador um cavallo como fizera a insania de Caligula.

De resto se o Imperador assim tivesse procedido, não deixaria patente senão o seu estado mental e o gráo de abjecção a que

haviam descido, como na Roma da decadencia, o espirito publico e o senado brasileiro!

As razões que adduz o Sr. senador Ottoni para mostrar a imprescindivel necessidade da referenda ministerial são todas conjecturaes e bem pouco persuasivas. Quaes os casos serios por elle indicados em que a referenda ministerial nos actos do poder moderador poderia ter coarctado o absolutismo que na sua opinião o Imperador autocrata exercia? São: 1º, a recusa da dissolução da camara pela *segunda vez* ao Sr. senador Dantas que se propunha a fazer passar o projecto de lei sobre a libertação dos escravos sexagenarios, idéa aliás toda do Imperador; 2º, a escolha ao cargo de senador de Angelo Muniz da Silva Ferraz, inimigo pessoal e opposicionista frenetico do marquez de Paraná, então presidente do conselho de ministros; 3º, emfim não ter sido escolhido senador o seu mano Theophilo nas quatro vezes que veio incluido

em lista triplice por Minas, que *o adorava e pedia a escolha do seu dilecto filho!* (Textuaes palavras.)

Só estes factos bastam para caracterisarem o Machiavel politico! Que expressão feliz e denunciadora da calma e da imparcialidade de historiador! Vamos, porém, por partes.

Em relação ao artigo primeiro do libello accusatorio, sabe-se que o Sr. Dantas apresentando em 1884 o seu programma de governo perante a camara dos deputados foi, só com a indicação do modo porque pretendia impulsionar a questão servil, logo repellido. Pedindo, pois, como era natural ao Imperador a dissolução da camaaa, foi-lhe ella concedida. Fez-se a consulta ao paiz, mas nova camara veio desfavoravel áquelle chefe politico que se vio sem demora derrotado. Segundo pedido de dissolução que, *depois de ouvidos o conselho de Estado pleno e os presidentes das duas casas do Parlamento*, lhe foi dessa vez

recusado. Chamado o Sr. Saraiva, formulou este um projecto, com o qual prometia resolver efficazmente e sem abalo o perigoso problema. Onde o indicio sequer de arbitrariedade autocratica? Onde a prova de qualquer inconveniente oriundo de um acto do poder moderador sem a referenda ministerial?

Entende o Sr. Ottoni que se devia augmentar a excitação dos animos e convulsionar a nação pela segunda vez em brevisimo prazo com uma eleição, quando ella se pronunciára sobre a materia mandando representantes oppostos ao projecto Dantas. Outros, porém, são de parecer que o Imperador procedeu com a maxima sabedoria contemporisando e não precipitando a solução de tão grave crise que, passados annos, ainda assim trouxe o resultado desastrado que os homens patriotas tanto deplorão.

Nem um ceutil perdeu o biographo, porque segundo as chronicas do tempo repe-

tidas por um jornal, a que aliás não dou fé, vio logo como homem pratico e de senso arguto onde iria ter a questão do elemento servil e tratou de salvar por bons cobres os escravos que possuía.

Nas condições de outr'ora deploro, não a recusa da segunda dissolução da camara, mas sim a falta de patriotismo da maioria dos deputados, que por motivos todos pessoas negaram o seu apoio ao ministerio do Sr. Dantas e deixaram de encarar de frente e discutir a questão a bem da magna conveniencia publica, sem odios, sem prevenções, nem tacanhos interesses, até de familia no gozo do poder.

Em relação ao segundo ponto—o da escolha do Sr. Angelo Ferraz—preciso, antes de proseguir, indicar summariamente como se organisavam as listas triplices, sobretudo com a lei eleitoral, que então vigorava.

Entendia-se previamente o governo com os chefes politicos ou *influencias* da provincia em que se dava a vaga de senador,

recommendo ou indicando ao presidente seu delegado o nome do candidato que devia vir em primeiro lugar na lista triplice, então completada com mais dous individuos obscuros, sem importancia, ou de valor meramente local, vulgarmente designados pelo appellido de *cunhas*, que serviam unicamente para forçar o Poder Moderador á escolha de quem tinha prestigio na politica dominante. O Imperador a quem não podia escapar o alcance desse sophisma e de tão grave immoralidade eleitoral, por mais de uma vez buscou infligir o merecido castigo aos autores de semelhante farça escolhendo, com decepção do interessado, uma das *cunhas*. Outras vezes acontecia que um candidato de merito e manifesta influencia na provincia, mas excluido das combinações por motivos sempre inconfessaveis, arbitrarios e apaixonados, furava a chapa e conseguia a muito custo ser eleito e occupar na lista lugar distincto. Comparando o monarcha os talentos e serviços deste com

os predcados dos outros concurrentes o escolhia. Foi o caso de Angelo Ferraz. O Sr. D. Pedro II não tendo nada que ver com a inimizade pessoal entre o eleito e qualquer dos seus ministros na decisão de acto tão elevado, não se guiava senão por intenções muito dignas e nobres, dando mais de uma vez o exemplo de sua admiravel isenção de animo e escolhendo candidatos ou pessoas eleitas que lhe eram manifesta e publicamente desaffectedas. Se ha até occurrencia que mostre quanto convinha que o poder moderador, na escolha de senador agisse com maxima liberdade, é justamente esta de Angelo Ferraz, intelligencia superior, homem energico, activo e trabalhador. Não teria de certo pertencido ao senado então, se a sua escolha dependesse da referenda de um ministro que platonicamente se responsabilisasse por um acto de que não lhe adviria responsabilidade alguma effectiva. Admittido o principio da escolha, do qual aliás não sou partidario, acho que ella deve

ser rodeada da maior autonomia. O correctivo de qualquer desacerto estaria—não na referenda que nada significa em actos politicos em que entra muito a paixão partidaria e torna o eleito demasiado dependente do referendario—mas na exclusão do escolhido por fraude nas eleições. Não se annullaram diversas eleições, já por esta razão, já porque, no julgamento final, a trica politica interveio e não teve duvida em proceder de modo injusto e até immoral? Nisto não toca o Sr. Ottoni, porque seria uma justificativa para varios actos do Imperador no exercicio de suas attribuições como poder moderador.

Fallemos agora do facto concernente ao liberal Theophilo Ottoni que não passava de um homem de bem, um cidadão honrado, patriota, mas que não dispunha senão de commum intelligencia e restricto merecimento, muito exaltado aliás, sempre em combinações que penosamente atrapalhavam o governo dos correligionarios. Se em

quatro vezes que veio incluído em lista triplíce não foi escolhido e não logrou a suspirada cadeira de senador, deve este infortunio a uma razão bem simples — veio sempre com homens de mais talento e mais reaes serviços á nação; não o poz á margem o odio do Imperador, sentimento filho de um desequilibrio psychico, que essa grande alma não aninhou um só instante em seu vasto peito. Tanto foi esta a razão, que da quinta vez vio-se escolhido, porque com effeito se achava na escala dos serviços acima de Martinho Campos e Silveira Lobo, nomes que só na imaginação do Sr. Ottoni eram antipathicos ao Imperador, tanto que ambos foram seus ministros, e o primeiro até presidente do conselho.

Nestas como em todas as mais questões de serviço publico não olhava o soberano senão para as qualidades e o valor dos homens. Não teve duvida em escolher para senadores e nomear para seus ministros Dias de Carvalho e Antão que em 1842 ca-

pitanearam hostes rebeldes em Santa Luzia de Sabará, como a José Mariano de Mattos que havia sido ministro da guerra na intitulada republica de Piratinim e em mandar para o estrangeiro como consul e ministro plenipotenciario Peixoto de Brito e Filippe Lopes Netto, chefes e directores da rebelião de Pernambuco em 1848. Assim gyrou sempre na esphera mais alta e pura, sendo de todo o ponto impossivel que deixasse de escolher Theophilo Ottoni sómente porque não frequentasse o paço e houvesse fallado e escripto contra o beijamão, elle o ente mais desprendido de todas as vaidades!... Porque foi, porém, depois escolhido? Que genio ou fada o protegeu? Correu como certo e tornou-se publico e notorio que o marquez de Olinda se interessou grandemente e até quebrou lanças pela escolha do Sr. Theophilo Ottoni na quinta vez que veio em lista triplice. Que movel entretanto levou o presidente do conselho de ministros a tomar a peito

essa escolha? Não acredito que tivesse sido por causa de grave duvida e divergencia sobre assumptos do matadouro, que aquelle ministro teve com a camara municipal, chegando a suspendel-a, pelo que chamados outros vereadores na qualidade de supplentes para tomarem conta do governo municipal, em cujo numero se achava o Sr. Theophilo Ottoni, fez este logo decidir tudo de conformidade com o que queria o marquez.

Eis como, em summa, todos esses tres casos devem ser e foram sempre explicados e apreciados.

Quanto ás outras questões referentes ao Poder moderador, taes como a dissolução da camara dos deputados, a da livre nomeação e demissão dos ministros, que o Sr. senador Ottoni considera e dá como uma das causas efficientes de muitas mystificações, de manifestos caprichos, só proprios de um autocrata, e de falta de logica na successão dos acontecimentos, por

modo a não se poder prever o desfecho delles ou a desconcertar todas as previsões, tudo isso já tem uma idade de apresentação que se approxima á do Sr. senador Ottoni. Constituo aliás nos diversos tempos em que taes reparos foram submettidos ao criterio publico, o cavallo de batalha dos incontentaveis despeitados e truculentos ambiciosos, tendo sido demonstrada a sua inteira inanidade, e ficado patente que a origem real e fundamental dessas soluções, que não entravam nos calculos dos espiritos soffregos de dominio, demagogos, nevropathicos e superficiaes, residia na má e defeituosa organização dos partidos, sem idéas definidas, cada um com meia duzia de chefes, pelo menos, acompanhados de uma cauda enorme de pretendentes ou candidatos ás pastas de ministros, provocando a cada passo crises politicas, ás vezes porque um delles deixava de obter a nomeação de um juizado de direito no sertão para um dos seus protegidos, pessoa influ-

ente e habil, sobretudo em tricas eleitoraes.

Em taes condições, o Imperador que justamente havia com a sua esclarecida intelligencia, perspicacia e pratica dos negocios publicos, acompanhado todas essas lutas mesquinhas e só de predomínio de taes partidos sem idéas e essas attitudes, sem coherencia da camara, toda composta de *côteries* ou grupos sem homogeneidade, decidia ou resolvia as crises de accôrdo com o que lhe parecia melhor consultar a ordem e o interesse geral. E tal decisão era tomada depois de ouvir a opinião dos chefes mais proeminentes dos grupos ou dos dous partidos representados, como se devia suppôr, pelos presidentes do senado e camara, ou do conselho de Estado pleno, quando lhe era feito um pedido de dissolução da camara.

Procedia com a maior isenção e patriotismo sem se importar com a celeuma dos vociferadores, e as contrariedades e decepções que qualquer dos grupos teria de ex-

perimentar. E comtudo as explosões eram tremendas na liberdade de todo o genero que encontravam para a sua expansão sem limites!

De homens que por culpas suas ou dos seus correligionarios haviam sido obrigados a deixar o poder ou de outros que o ambicionavam sem esperanças de promptamente empolgal-o, partiam então imprudentes e injustos conceitos, como o do Marquez de Olinda que « era preciso resistir ao Rei para melhor servir ao Rei, » a declaração do Sr. Saraiva que « o Imperador exercia poder mais absoluto do que Napoleão III, » a sentença declamatoria do Sr. Ferreira Vianna de que elle tanto se arrepende hoje « que a nação durante 40 annos tinha vivido sob um regimen de perfidias, de mentiras e de usurpações de um Principe conspirador! »

N'esses casos nunca faltava o chavão de que o Imperador seguia só a sua vontade, deixando de attender á opinião publica, essa

pobre desgraçada que jamais se manifestava nessas farças de politicagem e a tudo assistia indifferente. Considerava, quando muito, espectáculo divertido observar as escaramuças do partido, as retaliações eloquentes e ciceronicas dos mais parladores e dos corypheus de cada grupo, certos de que— viesse A ou viesse B—tudo daria na mesma. Só os interessados, os que tinham promessas de emprego, os que occupavam cargos de confiança immediata, é que apregoavam e procuravam salientar os estupendos predicados que o chefe A tinha sobre o chefe B, o grupo ou partido C sobre o D, e vice-versa. A verdadeira opinião publica sempre timida e esquiva entre nós, mas representada pelas classes laboriosas, industriaes ou commerciaes que tinham e têm horror á politicagem, essa só pedia o governo de homens probos e reflectidos, e tal elemento de força moral jamais faltou ao Sr. D. Pedro II durante os 50 annos do seu abençoado reinado.

50 annos
D. Pedro II

Hoje sim, nesta invejavel Republica, em cujo corpo legislativo campêa o Sr. Ottoni como senador, depois de se haver repimpado, com tanto custo dos protectores, na cadeira curul dos vitalicios, agora foi que se vio um chefe de Estado atirar-se nos braços de uma facção partidaria e atear por mero capricho, a titulo de acendrado republicanismo, mas por instincto sanguinario, o facho da guerra civil em um dos mais importantes Estados do Sul da União !

Quantas vezes não succedeu, sobretudo durante o dominio liberal, chamar o Imperador, em diversas e repetidas crises, a um dos chefes, que o seu prestigio e influencia nas camaras indicavão como o mais proprio de organizar novo ministerio e dissistir elle da tarefa por não ter encontrado nos grupos consultados franco e decisivo apoio ? Se conseguia formar gabinete em pouco tempo era derrubado pelos proprios correligionarios !

Occasiões houve em que todos os chefes,

uns após outros, vião-se chamados a S. Christovão e o resultado final não variava.

Na difficuldade de levar avante a tarefa, nenhum se esquecia com todo o *aplomb* ou um tanto acanhado, de propor a necessidade capciosa de se dissolver a Camara, não raro, só com o fim de patentear ao mundo da politicagem quanto erão reaes o seu valimento e poderio ! A taes vaidades com toda a razão e para bem do publico, cortava as azas o Imperador.

Deveria, porventura, conceder dissoluções pedidas e decreta-las só porque havia chefes de grupo, presumpçosos e farfalhantes, que nas gestações de gabinete dizião : — «Se S. Magestade me der a honra de chamar, em *uma hora* estará organizado o ministerio» ?

De todas essas causas, algumas bem pueris, e não da liberdade que a Constituição conferia ao Soberano para dissolver a Camara dos Deputados, nomear e demittir os seus ministros, é que procedião mudan-

ças de situação aparentemente imprevistas, e que forão sempre explicadas pela falta de orientação e pessima constituição dos partidos. Tivessem elles sido, como os da Inglaterra, cada qual com o seu chefe, com programma e idéas claras, distinctas, bem precisas e definidas, como soldados scientes do seu papel e *adstrictos á disciplina e á lealdade*, então sim, poder-hia prever no Brazil, como alli acontece, uma dissolução de camara com a necessaria antecedencia, ou quem seria o organisador certo e infallivel do futuro gabinete.

O mais é batalhar como D. Quichote com moinhos de vento, caso se esteja de boa fé.

Dar por movel das acções do Imperador as suas sympathias ou antipathias, apon-tando falsamente entre os desaffectedos estadistas eminentes como o marquez de Paraná e barão de Cotegipe para lhes equiparar o mano Theophilo é querer illudir ignorantes leitores. O que é certo e sabido é

que o Sr. D. Pedro II jamais consultava as affeições e desaffeições na gestão dos negocios publicos, cogitando só do interesse e do progresso real da nação. Poderia citar, entre outros, o facto da escolha de Salles Torres Homem a senador, o qual com o pseudonymo de Timandro dera á luz o *Libello do Povo*, pamphleto em que toda a familia de Bragança foi grosseira e delirantemente offendida; mas escriptor emerito e homem de grandes talentos e reaes serviços. Ahi logo se apegão á accusação de peita e corrupção.

Disto porem não tratarei por ser uma d'essas calumnias que não merecem discussão. Na actual epoca de *regeneração do character brasileiro* é que os processos são claros e expeditos. Basta que um politico de certo valor intellectual ou pouco escrupuloso em seus meios de acção se aliste nas fileiras dos jacobinos, de cujos ideaes parecia estar devorciado, para que logo o affaguem e lhe acenem com o

preço porque serão pagos os seus serviços.

Foi o que se deo recentemente com um deputado que, preso e encarcerado pela vontade omnimoda da tyrannia, veio depois, livre das enxovias da correcção, sustentar a monstruosa these de que um governo, para permanecer, mesmo illegalmente, no poder tinha o direito e dever, sob o pretexto da salvação publica, de commetter todas as violencias e as mais odientas arbitriedades !

No dia seguinte ao d'essa objurgatoria, os próceres da politica florianesca e defensores da prepotencia governamental, e que havião administrado a esse deputado um ponta-pé e concorrido para a prisão e vexames que elle soffrera nos cubiculos da penitenciaria, por não lhe convir na occasião ser instrumento do dictador, tratarão, em vista de tal linguagem, de pagar logo á bocca do cofre o preço do serviço prestado por um soldado tão conspicuo, e formularão então um projecto de lei em que manda-

rão reintregal-o no posto que occupava no exercito e no cargo de lente de um estabelecimento militar, logares de que espontaneamente havia pedido e obtido demissão !

Couza igual nunca se deo no tempo do Imperio !

Ninguem ignora que o Sr. D. Pedro II, por não privar em relações particulares com o marquez de Paraná e o barão de Cotegipe, nunca deixou de dispensar a estes dous notaveis politicos as maiores provas de consideração e de estima, já os cumulando de honras civicas, já os nomeando para o Conselho de Estado, e já finalmente os admittindo nos cargos mais nobres junto á sua pessoa. Presumo, pois, que toda essa historieta de que o Imperador *aborrecia* o marquez de Paraná e não *gostava* do barão de Cotegipe, foi para ter o ensejo de contar de modo um tanto dubitativo o escandalo que se deo na Camara, em 1877, contra este ultimo estadista, e de que aliás elle se sahio com a honra tão impolluta

Paraná
Cotegipe

como quem mais no mundo a podesse prezar e zelar.

Não quiz também perder o ensejo de dizer que o Imperador era probo, mas *todo artificio*, subordinando tudo *às suas vaidades e monitas*, e que, chegando mais de uma vez a *proteger velhacos entre os seus intimos, não tinha duvida*, em certas occasiões, *de baratear a honra alheia!* Que idéa pois faz o Sr. de Ottoni da honorabilidade que, no prefacio seu trabalho, disse ter deixado fóra de duvida em relação á pessoa do Imperador!

Não deverá o leitor esquecer-se que o Sr. D. Pedro II já era, segundo o Sr. Ottoni, um homem dissimulado, hypocrita, atheu, sem crença alguma e de coração secco e atrophiado. Mas isto não bastava; cumpria accrescentar neste parographo, que em honestidade era todo artificio, vaidoso, amigo das adulações e dos adultores, protector às vezes de intimos tratantes, e que não tinha duvida de baratear a honra alheia!

Diante disto não é também de admirar, que elle dê a entender que na vida mundana era uma especie de D. João que só se distinguia do da legenda ou do romance por ter sido CAUTO! A proposito, são então minuciosamente referidas as relações amorosas que entreteve D. Pedro I com a marquezia de Santos, provavelmente para mostrar um caso mais comprobatorio das leis do atavismo e que guardava sem duvida estreitas relações com a vida do biographado.

Com o sangue de 100 mil brazileiros que, como o Sr. Ottoni diz em outro paragra-pho, o Imperador apenas por um sentimento dynastico fez derramar no Paraguay, só faltão então as atrocidades de animo calmo e o sangue frio para que o Sr. D. Pedro II, universalmente admirado, fosse figurar na galeria historica dos Tiberios, Claudios, Caligulas, Neros, Domicianos e Heliogaballas, emfim de todos esses monstros que envergonham moralmente a humanidade e que na America do Sul tiverão soberbos

exemplares representados por Francia, Rozas, Lopes, Balmaceda e Floriano !

Tudo deprimente e ultrajante ao character do Imperador que nem se sabe positivamente si era casado ou solteiro ; nem uma palavra no periodo que descreve sobre a interferencia sempre insistente e benefica desse inexcedivel brasileiro nos melhoramentos materiaes, nas vias de communicacão, reformas administrativas, relações internacionaes, nas guerras contra o tyranno Rozas e outros caudilhos e despotas das republicas Argentina e Oriental, sobre o seu nobre e altivo patriotismo na questão Christie !

E para que? Era dar luz refulgente, offuscadora ao quadro propositalmente tenebroso e errar o alvo que a todo transe queria ser collimado e attingido !

Triste empenho !

§ 4º—1864-1868

Neste parographo occupa-se o biographo com a vida ephemera do partido progres-

sista formado em 1862 e com a guerra do Paraguay que promete incluir no paragra-pho seguinte, mas de que se esquece totalmente ou não diz mais uma palavra.

Refere ou expõe com a habitual maneira, ou a seu modo, a historia da transitoria existencia daquelle partido que, com effeito, só durou uns seis annos. Levado pelo aspecto objectivo de um estado subjectivo, não perdeu o ensejo de novamente pungir a memoria do marquez de Olinda e de plangentemente lamentar que sendo o nome de seu mano Thophlio contemplado em todas as listas ministeriaes no conchavo feito com os chamados *conservadores moderados*, de nenhuma organização tivesse feito parte, facto tanto mais admiravel, accrescenta, quanto o visconde de Abaeté dizia: «E' a vez do Sr. Theophilo Ottoni e este na ultima combinação ministerial que falhou ao marquez de Olinda disse-lhe:

Se S. Magestade aceitar uma organisa-

ção puramente liberal e fizer a honra de chamar-me, em uma hora estará organizado o ministerio, proposta de que parece ter sido o marquez de Olinda encarregado de levar a S. Christovão, mas que de lá veio incumbido de qualquer organização, comtanto, segundo o Sr. Ottoni, que nella não entrasse o mano Theophilo! (Textuaes palavras).

Antes de apreciar e analysar estes pontos do libello, vejamos ainda qual o espirito dominante dos partidos naquelles tempos.

Desde 1848 até 1854 esteve o partido conservador puro, exclusivamente de posse do governo, não encontrando obstaculo algum na passagem, votação e promulgação de muitas leis de accôrdo com as suas idéas. Tornara-se esse predomínio tão absoluto e exclusivo que começava-se a sentir a necessidade, mesmo em beneficio do desenvolvimento e progresso da nação, de se admittir na direcção e decisão dos negocios publicos pelo menos os homens mais

notaveis do partido opposto ou liberal.

D'ahi nasceu a politica de conciliação inaugurada no ministerio do marquez do Paraná, de que fazião parte Nabuco, Pedreira, Caxias, Paranhos, etc. Esta politica que se dizia então aconselhada e patrocínada pelo Imperador, cercado de um dos ministerios mais pujantes do seu reinado pelo respeitado talento, pela incontestavel illustração e absoluta honestidade de seus membros, não foi levada ás ultimas consequencias, por causa da morte do chefe do gabinete o marquez do Paraná.

Teve, porém, o grande merito de acalmar as paixões politicas e os sentimentos partidarios de muitos conservadores, como fossem Abaeté, Nabuco, Sinimbú, Saraiva, Zacarias, Paranaguá, Boa-Vista, Paes Barreto, Sá Albuquerque, Dantas, Pinto Lima, etc.

Na organização ministerial de que foi então incumbido o marquez de Olinda, o qual, por sua posição elevada, caracter re-

flectido, pratica dos negocios e influencia decisiva e manifesta em todo o paiz, era o homem mais apropriado para levar por diante semelhante politica, o Imperador, que achou no organisador do gabinete a mais franca e leal disposição para segui-la, fez com que elle não deixasse de inclui-la como um dos pontos capitaes no programma de governo.

Muitos conservadores receiosos de que viessem a perder as posições adquiridas e que fruião ha muitos annos querião que a partilha fosse lionina ou em proveito quasi exclusivo do seu partido. Outros, comtudo, como Zacarias, Nabuco, Saraiva, Paranaguá, Paes Barreto, Sá Albuquerque, Dantas, Pinto Lima etc., adherirão com lealdade a essa politica, pelo que o marquez de Olinda fiel a seu proposito, sem repellir o concurso dos homens do primeiro grupo, inclinou-se mais para os do segundo, aos quaes se tinhão tambem juntado diversos e importantes chefes do partido liberal, e tratou de

dar impulso ao seu governo, de accôrdo com as novas idéas, começando logo depois por propor e levar a effeito a dissolução da camara dos deputados. Nas eleições que tiveram então lugar puderão entrar muitos liberaes que reunidos aos conservadores moderados constituirão um grupo respeitavel, mais que sufficiente para constituir uma maioria que sustentasse o gabinete Olinda. Este, porém, quiz retirar-se, e para succeder-lhe foi chamado o Sr. marquez de Caxias que formou um ministerio que, não tendo na camara senão uma pequena maioria, não pode sustentar-se por muito tempo. A esse ministerio seguiu-se um outro organizado pelo Sr. Zacarias, que durou apenas trez dias, em virtude do conchavo feito por um grupo de liberaes com os conservadores, sendo levado a isso unicamente pelo sentimento de predominio e pela paixão partidaria e odio pessoal.

Foi em taes circumstancias chamado o marquez de Olinda que organisou um ga-

binete que se conservou no poder até Janeiro de 1864, em que se dimittio para ser substituido novamente por outro ministerio organizado pelo Sr. Zacarias que durou até Agosto, ao qual succedeu então o gabinete Furtado. Neste interim foi-se fundindo e amalgamando melhor a força do grupo dos conservadores moderados com a dos liberaes prudentes, e surgio então um partido que tomou o nome de *progressista* de que o Sr. Zacarias se tornou o chefe mais prestimoso.

O ministerio Furtado, que apenas contava de vida alguns mezes, vio-se a braços nesse mesmo anno com a tremenda guerra do Paraguay e, apezar dos relevantissimos serviços prestados ao paiz, foi logo no anno seguinte derrotado pelos liberaes, a cujo partido elle pertencia, e de que era tido como uma das figuras mais puras e distinctas.

Para organizar novo ministerio em substituição ao de Furtado forão successivamente chamados Olinda, Abaeté, Nabuco,

Saraiva e novamente o marquez de Olinda que por fim levou a termo a penosa incumbencia.

A respeito ou a proposito da organisação desse ministerio, o Sr. Ottoni faz algumas apreciações e refere historietas que precisão em alguns pontos de rectificação e em outros de certos accrescimos ou addendos.

Entende elle que ao Ministerio Furtado devia succeder um organiado pelo seu mano Theophilo pelas razões anteriormente expostas e que, entretanto, o Imperador logo que aceitou a demissão do gabinete Furtado, disse incontinente: « Mande-me cá o marquez de Olinda, e referira o duque de Caxias, em conversa, que aquelle dissera: « livre-me do Ottoni ». Em primeiro lugar e em casos taes nunca usava o Imperador de semelhante linguagem: « Mande-me cá fulano! » Sempre delicado e correctissimo dizia ao chefe do Ministerio demissionario: « Queira passar por casa de

fulano e peça-lhe que venha fallar-me » ou « Apareça-me com urgencia a qualquer hora ou de taes a taes horas. »

Depois, é ainda inacreditavel que o Imperador sempre tão reservado na manifestação de sua opinião acerca dos homens de seu imperio tivesse tido com o duque de Caxias a conversa nos termos expostos pelo Sr. Ottoni. Este que não deixava nas crises ministeriaes de tomar nota de todas as bisbilhotices e mexericos que corrião entre os curiosos, devia entretanto conhecer em todas as minudencias as causas que concorrerão para que falhasse a primeira organização tentada pelo marquez de Olinda. Foi sabido que este de accôrdo com os chefes mais proeminentes do partido progressista-liberal havia formado uma lista em que entraria Theophilo Ottoni, Sá Albuquerque, Esperidião de Barros Pimentel, Nunes Gonçalves e outros. Voltando de S. Christovão encontrou em sua casa o Sr. Theophilo Ottoni, a quem communicou que o Imperador

aceitava a lista, e iam ser lavrados os respectivos decretos pelo que não deixasse de comparecer no dia seguinte ao Paço para ser recebido pelo Imperador. Theophilo Ottoni metteu então a mão no bolso de onde saccou um papel e disse :

— Senhor marquez, conversei com os meus amigos e não posso mais concordar com a lista que formulamos : venho então submeter esta outra á apreciação de V. Ex.

O marquez de Olinda tomou o papel, leu e depois de alguns minutos de reflexão o entregou dizendo :

— Sr. Ottoni, estou muito velho para me comerem !

— Mas, Sr. marquez, V. Ex. fica como presidente do conselho !

— Sr. Ottoni, repetio o outro, estou muito velho para ser embaçado !

Não sei se elle na occasião disse ao marquez de Olinda que se Sua Magestade admittisse um ministerio puramente liberal e se dignasse chama-lo, em uma hora esta-

ria organisado, o que é certo é que o marquez teve de ir novamente a S. Christovão e depois formou o ministerio de 12 de Maio de 1865.

Eis ahi como os factos se passarão e me forão referidos por Sá Albuquerque que na occasião se achava em um gabinete ao lado na casa do marquez e ouviu a conversação entre este e o Sr. Ottoni.

No senado alguns desaffectedos de Theophilo Ottoni, que tinham conhecimento de tudo isso e querião que ficasse consignado nos annaes do parlamento a historia em suas minudencias, interpellarão da tribuna o marquez de Olinda, mas este, que era um homem politico muito correcto, não se mostrou disposto a revelar cousa alguma que pudesse melindrar o homem de quem talvez tivesse necessidade nas circumstancias penosas em que o paiz se achava.

Em todo o caso, não era occasião azada para se cogitar na formação de um ministerio de feição politica bem accentuada ou

de idéas exaltadas, convindo naquelle critico momento olhar exclusivamente para a preparação e remessa de tropas e meios tendentes a acabar, com promptidão, e honra essa luta armada que se tornou tão penosa.

A se querer dar uma solução á crise, de accôrdo com as praticas parlamentares, quem devia ser chamado para organisar o novo gabinete, era o Sr. Silveira Lobo, ou o Sr. Saldanha Marinho os promotores da queda do ministerio Furtado.

Com effeito, o marquez de Olinda, no ministerio que organisou, deu a pasta da marinha ao Sr. Silveira Lobo.

E' em qualquer hypothese inacreditavel que o Imperador que havia acceito o nome de Theophilo Ottoni para Ministro, dissesse depois ao marquez de Olinda: *livre-me do Ottoni*, pessoa que aliás o illustre biographo não tem duvida em qualificar de — *desmancha-prazeres!*

Em toda a historia biographica do Sr. senador Ottoni não ha bisbilhotices e me-

xericos por elle ouvidos nas crises politicas ou ministeriaes que deixe de relatar adubando-os com pesada chacota ou certo sal que poderá ser tudo menos — attico — como se o seu proposito fundamental fosse sómente deprimir. Parece que o seu espirito, como em algumas phases do hypnotismo, se achava sob a influencia de uma actividade convulsiva de idéas predominantes com paralyisia temporaria de outras, de onde a obcecação da consciencia nas faltas e erros em que incorre.

Na mesma conversa que refere, o Sr. Angelo Ferraz, depois barão de Uruguayana, inimigo pessoal do barão de Caxias, é arrastado nas phrases mais dubias pela rua da amargura e apresentado como um homem indigno por quem o Imperador sentia a maior aversão. Ahi vem especificado, talvez por acaso, um facto que se poderia reunir ao que se dera com a escolha do mesmo Sr. Ferraz para o cargo de senador. Ainda uma vez mostra elle que na nomea-

ção dos homens para os cargos publicos não se deixava o monarcha guiar por suas affeições ou antipathias. Outro facto do mesmo genero está na escolha do Sr. Salles Torres Homem em 1868 para igual cargo, apesar da opposição que teve da parte do Sr. Zacarias, então Presidente do Conselho de Ministros e que servio-se desse pretexto para dar a sua demissão, sendo a causa principal a pouca confiança que tinha em seus correligionarios da Camara, que intitulava —*Confraria de pedintes*.

O que o Sr. D. Pedro II não queria era que na administração dos negocios e interesses do Estado se intromettesse a demagogia com todos os seus intuitos desorganizadores e perigosos, bem que esta alimentasse a pretensão, pela voz dos interessados, de em pouco tempo acabar com a guerra do Paraguay, estimulando o patriotismo de todo o Brazil e dando grande expansão ao movimento dos voluntarios da Patria. Nem me consta ter sido criado aquelle grandioso

movimento pelo ministerio Furtado. Pro-
veio o arrastamento em todas as Provincias
e sobretudo na Bahia e no Ceará da espon-
taneidade da nação. E para estar na altura,
como esteve, de tão bella impulsão, decla-
rou-se o Imperador o primeiro voluntario
da Patria e seguiu para o theatro da guerra.

Não articula o Sr. Ottoni uma só palavra,
não escreve uma unica linha sobre a ini-
ciativa do monarcha e sua ida ao Sul, afim
de sustentar com a sua pessoa o enthu-
siasmo do exercito, activar os preparativos e
pôr em ação todos os meios de expellir
grosso exercito de forças inimigas, que
havia invadido parte do territorio rio-gran-
dense e com effeito já se achava de posse de
Uruguayana. Alli cercado, teve de render-
se, impedindo só a presença do Imperador
as carnificinas usuaes nas republicas do
Prata após o triumpho. Pode-se affirmar
que foi elle quem na America do Sul inau-
gurou a guerra humanitaria — vencer o ini-
migo, mas poupar quanto possivel o sa-

crifício de vidas e os horrores da victoria levada ao extremo.

Sem lembrar nem mesmo de passagem e de leve a actividade febril, a tenacidade inquebrantavel, que o Soberano continuou a desenvolver para que os recursos bellicos estivessem na altura dos nossos creditos na causa que o Brazil inteiro tinha o dever e obrigação de pleitear e levar por diante; sem tocar na abnegação com que elle mandou para o theatro das operações já nos confins do Paraguay o seu proprio genro, Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu que, nessa emergencia, deu tantas provas de valor e alta capacidade militar; sem dar importancia alguma a assumpto tão transcendente e que só por si constitue uma das paginas mais gloriosas e refulgentes do Brazil e do reinado e vida do Sr. D. Pedro II, limita-se o Sr. Senador Ottoni a dizer simplesmente: 1º que o Ministerio Olinda abafou o entusiasmo patriotico, mandando cessar a remessa dos voluntarios, pelo que a guerra

prolongou-se *immensamente* ; 2º que o nosso inimigo, duas vezes, em seguida a serios revezes se mostrara disposto a negociar a paz ; 3º finalmente que o Imperador exigia como a condição fundamental a deposição do Dictador, levado por um motivo meramente dynastico : « Lopes ou-sára pedir em casamento a princeza Leopoldina ! »

Não dá elle por averiguada sómente esta ultima parte, mas assegura que *foi affirmada por pessoas que tinham razão de saber !* (Textuaes palavras).

Quando li tudo isso pensei que os meus olhos estavão sob a influencia de uma allucinação motriz, semelhantemente ao que se dá, segundo o celebre professor Maudsley em sua *Pathologia do espirito*, com os *medium* no spiritismo. Vêem elles uma meza ou qualquer movel girar vertiginosamente, quando entretanto este e aquella permanecem bem firmes e quietos. São levados unicamente por uma forte e viva

intuição motriz ou representação mental de um movimento, todo subjectivo e que depois se projecta objectivamente sob a fôrma sensível de translação, tal qual uma pessoa que tomada de vertigem vê tudo andar á roda em torno de si. Mas não; o que li e tanta gente lerá está com effeito no escripto do Sr. senador Ottoni.

Quanto a primeira affirmativa, foi em verdade no ministerio Olinda que houve ordem para se cessar a remessa de novos batalhões de voluntarios. A ordem, porém, partio do Sr. Saraiva, cujo nome elle cala, para que a falta recaia toda sobre o Marquez de Olinda.

Suppunham todos que a guerra ia chegando ao seu termo, depois da gloriosa e memoravel batalha do Riachuelo, em que toda a esquadra inimiga fora aniquilada. Tranposto o Humaytá, o exercito que estava no Paraguay parecia ser sufficiente para levar a campanha ao cabo, e por isto o Sr. Saraiva achou que podia ser sustada a

formação e a chamada de outros batalhões.

Foi um erro? E' bem possivel. Em todo o caso justificavel. Nem certamente por causa disso a guerra se prolongou e durou cinco annos.

Quanto á segunda proposição, não consta que Lopez tivesse feito proposta de paz, nem dado indicios de semelhante desejo. E' impossivel, que a tanto officiaes que estavam no Paraguay, e aos jornaes ou diarios das nações alliadas e aos daqui, tivesse passado sem o minimo conhecimento e sem os commentarios competentes qualquer proposta ou mesmo tentativa de paz. Uma houve, é certo, mas simples e desleal simulacro para preparar o terrivel desastre de Curupaity — uma unica, legitima embaçadella.

Não cabia ao Brazil adiantar-se apezar dos sacrificios feitos e dos heróes, quaes Tiburcio, Figueira de Mello, Silvado, Argollo e centenaes de outros, immolados diante do symbolo sagrado da Patria, para vingar a honra desta, vil e covardemente ultrajada!

Quanto á terceira asserção ou quasi asseveraço, só direi que é lamentavel que um biographo, por mais rancoroso que seja, procure incluir em seo escripto, seja qual fôr o fim a que se proponha, um *cancans* acceito ou originado em algum café ou ante em *alguma venda* do Rio de Janeiro...

Après l'Agésilas, hélas! Mais après l'Attila, holà! dizia Boileau como critica unica ás duas tragedias escriptas pelo grande Corneille na velhice. Parodiando o eminente poeta francez, por minha vez direi: Que triste quéda, que descambar, Sr. Ottoni, depois da concepção e construcção do tunnel grande na Serra do Mar até o desastre moral e mental desta intitulada biographia!

Ainda uma vez se confirma a sentença: « *Solve senescentem mature sanus equum.* »

§ 5° — 1868 — 1869

IMPRESSÕES GERAES

Com magua e tristeza que no espirito amigo da verdade devem despertar injusti-

ças, erros, falsas e odientas apreciações, enceto a analyse do paragrapho 5º, que abrange o periodo de 1868 — 1869.

Incluindo-o todo, não sei por que, sob a denominação de *impressões geraes*, repisa o Sr. senador Ottoni certos factos anteriormente expostos, do seu habitual ponto de vista. Insiste na presumida e escandalosa intervenção do Imperador na administração publica e na direcção politica, interferencia que diz ter-se modificado depois da reforma eleitoral de 1881. Esquece-se, entretanto, que fez carga desta danosa influencia do Autocrata, como novamente qualifica o Imperador, ao tratar da recusa ao pedido de dissolução da Camara, feito pelo Sr. Dantas, facto que se deu em 1885. Devo observar aqui, visto que não pude fazel-o anteriormente, que o Dr. Joaquim Nabuco, nos primorosos e admiraveis artigos publicados recentemente em Fevereiro de 1896 no *Commercio de S. Paulo*, afirma que á margem de um

folheto que elle déra á lume apreciando uma phase da questão do elemento servil, o Imperador notára que o Sr. Dantas não lhe fizera semelhante pedido.

E' de todo o ponto pueril a razão de que a pretendida modificação e tendencia nova para o verdadeiro constitucionalismo procedessem da possibilidade de serem derrotados os ministros em eleições directas, quando se sabe que isto só se deu por causas especiaes no primeiro anno depois da promulgação da lei de 9 de Janeiro de 1881. E' tambem inveridico que, sómente depois da morte do Sr. D. Pedro II, se soubesse que elle por nota deixada á margem de um livro, entendia que os actos praticados ou exercidos na qualidade de Poder moderador não precisavam de referenda ministerial ou da acquiescencia dos ministros. Forão theses de direito publico constitucional largamente discutidas nas Camaras e na imprensa por homens eminentes como Zacarias , Itaborahy, Uruguay, S. Vicente, Sayão Lobato, Paranhos, Fir-

mino Silva, Octaviano, Justiniano Rocha, etc., e sobre as quaes divergiam as opiniões.

A Constituição, por modo bem explicito, conferio privativamente tal poder ao Imperador; mas este, como é geralmente sabido, nunca se mostrou cioso das attribuições especiaes e que lhe cabiam no exercicio de suas funcções magestaticas. Geralmente escolhia senão para ministro ao menos para presidente do Conselho os politicos quaesquer, impostos pelo seu prestigio nas camaras ou indicados pelas primeiras influencias.

Nos casos de dissolução, não se esquecia de ouvi-las e de consultar o Conselho de estado pleno. Só na escolha de senadores era que o Imperador agia, por assim dizer, com plena liberdade. Ainda ahí, porém, houve não poucas occasiões em que recuou da deliberação tomada, e citarei a escolha do Sr. Jacintho de Mendonça, obtida pelo ministerio contra a opinião imperial. Ouvia tambem o Presidente do Conselho de ministros e pedia-lhe seu parecer, principal-

mente quando tinha certeza de que este não tinha intervindo nas eleições, nem era homem para se deixar levar por interesses ou sentimento que se afastassem do bem publico.

Talvez nesta parte se tivessem dado algumas excepções. Pelo menos o Dr. Martim Francisco que reduzio no *Jornal* de 2 de Junho de 1893, a pó a tal accusação de subserviencia dos ministros, affirma que o Sr. Ottoni, de 1870 em diante, se fez insupportavelmente contradicho em todas as recepções imperiaes, até á época em que por pressão do paço foi fraudulentamente eleito e escolhido senador pelo Espirito Santo.

Não acredito, porém, nisto, tanto mais quanto sei que a candidatura do Sr. Ottoni foi imposta pelo Sr. Sinimbú, então presidente do conselho, aos Srs. Horta de Araujo e Monjardim, influencias politicas naquella provincia, onde o Sr. Ottoni aliás não nascêra, nem tinha relação alguma para esperar qualquer resultado favoravel, a não

ser com o auxilio exclusivo do governo.

Quando personalidades da estatura de Furtado, Lafayette, Martinho Campos, Silveira Lobo, etc., ao deixarem o cargo de ministros, vêm perante os seus correligionarios e amigos asseverar com toda a lealdade que o Imperador nunca lhes creára o menor embaraço, evasivamente diz o Sr. Ottoni : « Podemos crê-los ; temporisava o Autocrata ante a attitude firme desses homens ! »

Com sophismas d'este jaez é que o Sr. senador Ottoni julga poder apagar ou offuscar o valor de declarações tão categoricas, francas e positivas, que assim abalavam, senão destruiam a supposta crença acerca do *poder pessoal*.

Nada o demove de que a verdade se incarna toda na declaração do visconde de Itaborahy e outros, de que o Imperador reinava, governava e administrava.

Mas em que circumstancias externavam esses chefes politicos tal conceito, ou fazi-

am semelhante accusação ? Em que factos se baseavam ? Era sempre depois que, por culpa propria ou dos seus correligionarios, haviam deixado o governo, sem terem conseguido a dissolução da camara ! Tambem, arredados do poder, costumavam alguns vibrar esse golpe, suppondo-o util á ascensão do seu partido, e para apressarem o momento de reconquistar o mando supremo.

Esses mesmos homens, ulteriormente incumbidos da organização de gabinetes, não só aceitavam o encargo, como não fallavam mais, todo o tempo que governavam, de qualquer descabida e imperiosa interferencia do Imperador na administração dos negocios publicos.

Erão ahí os adversarios da situação, ou os que haviam soffrido algum desengano formal em qualquer pretensão, que tomavam a si essa tarefa e entoavam a sedição eterna lóá. Não se animavam, comtudo em geral a especificar os casos em que a inter-

venção imperial se fizera sentir por modo inconveniente e flagrante.

Seria sobre algum projecto de abertura do Amazonas ás bandeiras de todas as nações ?

Seria sobre medidas a tomar acerca da navegação e commercio interno ou externo? Sobre algum plano, que evidentemente servisse para melhorar as finanças do Paiz ? Seria sobre a criação ou desenvolvimento de qualquer instituição de interesse real á nação ? Sobre a construcção de alguma estrada de ferro, sobre qualquer convenio commercial, alguma reforma judiciaria, da instrucção publica ou bancaria ? Sobre qualquer projecto relativo ao melhoramento dos portos, ou de vantagem para o exercito e armada, ou sobre os meios tendentes a resolver qualquer reclamação ou questão internacional, ou a encaminhar melhor a solução do elemento servil e a da immigração ? Não; mil vezes não !

A base da accusação deveria, para ter me-

lhor exito, assentar no dominio das idéas chamadas por Kant especulativas e ficar envolvida nas dobras mysteriosas e desleaes da duvida propositalmente mantida, para que assim a illusão tomasse corpo e cada qual formulasse os commentarios e tirasse as conclusões que bem lhe parecesse.

Em rodas politicas, em artigos de jornaes e em pamphletos, referiram-se alguns casos, deduzidos sobretudo das declarações de Paula Souza, de Euzebio e outros, sobre os quaes dei as explicações que se tornaram correntes ; apontava-se a recusa da assignatura imperial á nomeação de alguns individuos para cargos importantes na magistratura ou na policia ou para demissão de certos funcionarios publicos de elevada categoria, como por exemplo a de Saturnino de Oliveira Coutinho do cargo de inspector da alfandega da Côrte, proposta pelo ministro Honorio Carneiro Leão, depois marquez de Paraná, por não ter aquelle querido desistir de sua candidatura a depu-

tado geral pela provincia do Rio de Janeiro!

Não se sujeitou de boa mente o Imperador a tão futilissimo motivo e a razão a deo elle em uma nota á margem do já citado folheto do Sr. Luiz F. da Veiga « Saturnino era homem de grande merito intellectual e de probidade incontestavel, e Honorio, a quem eu estimava, queria como que *impor essa demissão* ao então jovem Imperador que pensava dever mostrar alguma energia ... »

Deviam outras interferencias assentar em razões identicas e sempre no sentido do bem publico, logo declinadase affastadas, desde que se demonstrava que não tinham cabimento, ou traziam difficuldades reaes ao ministerio.

Não é futilissima, como tem parecido a alguns publicistas entre nós, a contestação da *existencia real do poder pessoal*, nem basta dizer, sem especificação alguma, que os documentos comprobatorios são innumerous, incontestaveis e irrecusaveis : se-

ria conveniente e imprescindível, como prova convincente, que se deixassem de lado expressões vagas e insubsistentes e se articulassem factos de verdadeiro alcance na direcção dos negocios publicos.

Depois da allusão feita ao Imperador da sentença do Korão de que Allah era grande e Mahomet era seo propheta, foi ainda o barão de Cotegipe ministro e presidente do conselho varias vezes, e não sei si elle reconheceo jamais que fora apropriada e bem justa a sua exclamação de feição musulmana e intenção mordaz.

Foi o illustrado Dr. Ferreira Vianna ministro do Sr. D. Pedro II, já proferida a sua celebre objurgatoria. Elle que diga si jamais sentio a acção da perfidia, da dissimulação e da mentira durante todo o tempo que governou. Proclame ainda mais que impressão de pungente mas grandioso pasmo lhe causaram em Cannes, nos dias sombrios do exilio, a attitude, os sentimentos e as palavras d'aquelle principe que a

*Ferreira Vianna
10.2.1872*

paixão politica e as falsas informações o levaram a capitular de refalsado e conspirador e a comparal-o com Luiz XI, uma das figuras mais tetricas da historia de todos os povos !

Foi a politica do Imperador sempre a da moderação, da ordem e justiça na decisão de todos os negocios publicos. Como elle estudava todas as questões e dispunha de prodigiosa memoria, parecendo fazer ás vezes até certa ostentação, a sua intervenção, como ouvi de muitos e respeitaveis ministros, tornava-se preciosa. Limitava-se, aliás, no maior numero de casos, quando em conselho e despacho tratava-se de certas nomeações e resoluções a tomarem-se e titulos a conferirem-se, a chamar a atenção do presidente do conselho ou do ministro, não só para factos que se haviam dado em taes e taes épocas com os individuos propostos, como para as informações prestadas pelos chefes das repartições ou pelas comissões nomeadas para estudarem os as-

sumptos em debate. Naturalmente os ministros concordavam e, se na seguinte ou seguintes conferencias, mostravam ter examinado tudo, podendo prestar favoráveis informações no sentido de suas propostas, o Imperador immediatamente dava a sua adhesão e mandava lavrar o decreto ou os decretos. Se, porém, o ministro, embora com dados insufficientes para a boa solução da nomeação ou das questões propostas insistia e era apoiado pelo presidente do conselho, o Imperador cedia e assignava, sem mais resistencia, os decretos apresentados.

Quantas vezes desse modo não se evitaram nomeações positivamente desastrosas e não se deixaram de consummar injustiças clamorosas?

Quantas vezes não se arrependeram os ministros de não haverem seguido as inspirações do grande patriota e estadista que occupava o throno? Em varias occasiões, se a sua opinião divergente houvesse

sido a predominante, gravissimos conflictos teriam sido obviados.

Não sei a que obscuros e tenebrosos destinos seria impellido em pouco tempo o gigante Sul-americano, si outro tivesse sido o modo de proceder do Imperador na maioridade, e durante o seo reinado.

Pelo que se passou durante todo o tempo das Regencias, e pelos factos horrorosos que a Republica aqui instituida desenrola aos nossos olhos que antes, como fez o Rei Œdipo, quizera tel-os vazados, do que em estado de poderem contemplar tanta desgraça e infortunio, não tenho duvida em asseverar que o Sr. D. Pedro II, si não levou o Brazil a um idéal de grandeza, nos deu 50 annos de paz, de notavel prosperidade e de invejavel liberdade...

Todos os homens, dos quaes o Sr. Ottoni diz ter sido *inimigo* o Imperador, por exemplo — seu mano Theophilo — chamado por elle *desmancha-prazeres*, Martinho Campos, Silveira Lobo, etc., etc.,

todos forão escolhidos — senadores, sendo revoltantemente falso e falsissimo, que o Imperador não tivesse dado o menor signal de pezar pela *perda* dos seus mais dedicados — Joaquim Faro, visconde do Bom Retiro, general Cabral, etc., quando é publico e notorio que, ao saber que estavam gravemente doentes, foi visita-los mais de uma vez !

E' tambem inexacto, que tivesse ido ao theatro no dia da morte do marquez de Paraná. Este morreu à noite, quando o Imperador já estava no theatro, e a noticia da morte não lhe foi transmittida senão ao sahir do espectaculo.

E' um biographo incomparavel esse Sr. senador Ottoni ! Ao passo que não se esquece de apontar tantos factos insignificantes e conhedidamente inexactos, omitta outros muitos communs aliás no Imperador, mas que illuminam com muita luz a figura desse grande e immortal brasileiro.

Quando o Brazil inteiro vergava ao pezo

O caso
do Paraná

de sacrificios enormes de homens e dinheiro na sustentação da guerra do Paraguay e o corpo legislativo decretava a diminuição de 10 ou 20 % no ordenado de todos os empregados publicos, e, entretanto, o cambio só momentaneamente descêra a 15, o Imperador immediatamente ordenou que se fizesse a diminuição de um terço em sua lista civil e na de todos os membros de sua familia!...

E hoje! Quando o Thesouro arca com as maiores difficuldades, que o *deficit* orça em 300.000;000\$, que o Brazil não tem credito para levantar no estrangeiro o mais ridiculo emprestimo, a não ser com garantias horripilantes, que o cambio está a menos de 9, augmentão-se os vencimentos de todas as forças de mar e terra, de todos os empregados publicos, o corpo legislativo mantem para seus membros uma diaria de 75\$, ás mancheias sacão-se do Thesouro milhares e milhares de contos de réis para compra de armamento e para

se distribuir em ajudas de custo e vencimentos por entre amigos, commissarios e enviados a torto e direito para a America do Norte e Europa, a fim de assistirem á exposiçãõ de Chicago ou de estudarem futilidades, ou fazer propaganda em favor do Brazil, onde a vida aliás se tem tornado impossivel pela carestia fabulosa dos generos de primeira necessidade e o povo se acha esmagado ao pezo dos mais aterradores tributos.

Faz-se preciso que um dos mais afamados jornalistas d'esta terra tenha pela pilheria amor entranhado, e pense dirigir-se a beocios, quando vem affirmar, provavelmente para dar arrhas de seus sentimentos neo-republicanos, que nove vezes sobre dez o que temos de peor foi recebido pela republica a beneficio de inventario!

Que idéa faz elle do senso commum!

Não ha duvida : foi a monarchia que aruinou profundamente as finanças com a emissão de 450 mil contos em papel moeda

1890
1937?

Tratado
1890

feito por diversos bancos ; foi a monarchia, em cujo tempo o cambio sempre oscillou entre 24 e 27, que fel-o progressivamente cahir até perto de 8, malbaratou a fortuna publica e particular e inventou o encilhamento onde milhares e milhares de pessoas perderam tudo que possuiam e terminou pela quebra de muitas casas commerciaes, aniquilamento de quasi todas as companhias industriaes, e depreciação dos titulos de todos os estabelecimentos de credito; foi a monarchia que derrubou de um só golpe a nossa legislação e organização judiciaria e atirou tudo em medonho cahos ; foi a monarchia que desorganizou a instrucção publica, anarchisou as repartições do correio, das vias ferreas e do telegrapho ; foi a monarchia que duplicou as forças de terra e mar, augmentou-lhes prodigamente os soldos, etapas e gratificações, elevou fabulosamente, apesar das condições cada vez mais precarias do thesouro, os ordenados de todos os empregados publicos, e distri-

buio pelos amigos mais leguas de terra do do que mede o continente brasileiro, para fundação de burgos agricolas, alguns com garantia de juros ; foi a monarchia que fez subir a divida publica a 3,000:000.000\$ (tres milhões de contos de reis !) mandou emittir clandestinamente mais de trezentos mil contos em papel moeda, triplicou os existentes e criou novos impostos em pouco mais de 4 annos, e nos apresentou apezar d'isso um *deficit* de trezentos mil contos de reis approximando-nos de inevitavel bancarrota ; foi a monarchia que fez da tyrania, da crueldade, do assassinato, do estado de sitio, da impunidade de empregados desonestos e prevaricadores e da extincção de todas as liberdades o meio regular e permanente de governo ; foi a monarchia que transformou as antigas provincias em Estados, onde o povo vive sob o latego de asquerosos e ferozes tyrannetes que mandão assassinar e degollar os adversarios, fazem vir a sua presença jornalistas aos quaes

obrigam a engolir, em forma de pilulas, o pedaço do jornal em que esses jornalistas fizeram imprimir um artigo que não lhes agradou !

Da monarchia recebeu-se a beneficio de inventario a demissão, sem processo e sem forma judiciaria, de funcionarios vitalicios, o encarceramento nos cubiculos da correção, e entre galés, de officiaes generaes, de senadores, deputados e de centenas de pessoas gradas ; foi ella que inventou o processo de indulto que faz o indultado entrar pela porta da frente e sahir pela do fundo com a pena com que se quiz castigal-o, e promulgou uma amnistia correccional, tirando o direito á defeza, e confundindo na mesma penalidade innocentes e pretensos criminosos Na monarchia foi acclamado o homicidio legal, e applaudido o assassinato de homens indefesos nos despenhadeiros existentes ao lado de estradas de ferro, no pateo das fortalezas e em lugares ermos, e muito elogiado o processo admittido no

kilometro 65 da Estrada de ferro do Paraná e no carro 136-V- pelo director da Estrada de Ferro Central ! Foi a monarchia que ensinou que para a execução d'esses crimes deviam-se escolher os moços que formavam os batalhões patrióticos, afim de habitual-os a essas scenas instinctivamente repugnantes e horrorosas e preparal-os para o massacre e assassinato dos feridos e doentes que ficaram na Ilha da Enchadas e dos marinheiros que serviram na esquadra revolucionaria !

Ah ! é verdade !

A monarchia deixou á Republica, a beneficio de inventario, a questão das Missões e a do Oyapock...

E' bem certo que a primeira estava resolvida ; mas o Sr. Quintino Bocayuva, ardendo no mais acendrado patriotismo, tomou a deliberação de ir principescamente, em signal de confraternisação republicana, offerecer á republica argentina trezentas legoas do territorio brasileiro, e ainda que a

indignação cauzada por tão estupendo crime fosse geral, e o tratado recebesse a reprovação e repulsa de todos os membros do congresso com a excepção dos Srs. Nilo Peçanha e Alcindo Guanabara, todavia o eleito, feito pelo regulamento Alvim, teve a insigne hombridade de mandar para o senado o auctor do celebre tratado.

Em relação á de limites com a Guyana franceza, os direitos do Brazil forão postos pelos diplomatas do Imperio na maior evidencia; a França porem protellava o reconhecimento d'elles e o governo brasileiro não podia impol-os pela força; agora, sim, o respeito e acatamento que se dispensava ao Brazil desapareceo com a republica; todos os jornaes de Paris, como a Illustração, a Revista encyclopedica, Mundo moderno, Figaro, Matin, Gaulois, etc., são unanimes, em artigos patrioticos, a aconselhar ao governo francez que mande tomar conta do Amapá!

Havemos de ficar sem elle, tão certo

como teremos de ficar sem a Trindade. Em menos de um anno a França e Inglaterra fizeram á republica o que nunca se animaram a fazer em 67 annos ao governo monarchico !

Respeite-se a verdade, e não se sophisme, quando se tiver de fazer o inventario da monarchia, e contrapol-o ás deshonras da republica que nos impuzeram.

Corrijam-se e venham então apresentar-nos os beneficios que nos trouxe na phrase incisiva de Ruy Barboza « esse taboleiro verde, onde a força e a fortuna jogam entre si o dever das posições, a honra dos principios e o futuro do paiz. »

E' o caso de se dizer : « Oh republica admiravel em cuja bandeira de direito e avesso está inscripto o lemma da seita positivista — Ordem e Progresso — Deus te salve ! « *Ave, Cesar, morituri te salutant !* »

§§ 6º e 7º

LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS E EVOLUÇÃO
DEMOCRÁTICA

Quanto aos paragraphos 6º e 7º em que o Sr. Ottoni trata da « liberação dos escravos » e do que elle intitula — « evolução democratica » poderia qualificar-os pelos termos que Shakespeare poz na bocca de Hamleto, dirigidos a Polonio : « words, words » si a qualificação de « fantasia, fantasia e fantasia pretenciosa » não fosse mais apropriada.

Quasi tudo é inexacto na historia da liberação dos escravos, idéa sem duvida alguma exclusivamente concebida, impulsionada e patrocinada pelo Imperador, como tudo o que era grande e podia concorrer para a felicidade e progresso da nação.

Não foi depois de Janeiro de 1866 e em virtude de uma carta da Sociedade Fran-
ceza de emancipação, dirigida ao monarcha brasileiro, que surgiu, como diz o Sr. Ot-

toni, a iniciativa imperial. Esta teve um verdadeiro inicio nas medidas energicas tomadas por Eusebio de Queiroz em 1850 para a repressão do trafico dos Africanos, no estudo e projecto que a pedido do Imperador foram feitos por Pimenta Bueno, depois marquez de S. Vicente, e submettido por vezes à apreciação e discussão no conselho de Estado, com a maior reserva, sendo depois a questão tratada com muito talento e proficiencia por Tavares Bastos, no *Correio Mercantil*, e a respeito da qual o senador Silveira da Motta apresentou um projecto como meio preparatorio para a emancipação. Deu-se tempo a que o paiz inteiro, o mais interessado em uma questão dessa ordem, tivesse della o mais perfeito conhecimento.

Nesse interim, porém, veio a guerra do Paraguay, que absorveu attenção de todo o paiz, e apesar disto, para que este não se esquecesse da questão, o Imperador fê-la incluir na falla com que abriu as camaras em

1867. Tem razão o Sr. Ottoni em dizer que o esforço imperial foi pouco auxiliado, pois que o mesmo Sr. Ottoni, por causa da questão das contas da estrada de ferro, impugnadas pelo engenheiro fiscal do Governo e que este se demorava em approvar, unio-se á opposição conservadora e verbeou o Ministerio Zacarias, por haver incluido na falla do throno a libertação dos escravos. Assegura o Sr. Martim Francisco que o mesmo Sr. Ottoni chegou a fazer nos theatros conferencias publicas contra a idéa.

A tal respeito não articula uma palavra e para fazer suppor que tambem concorreu para a solução da questão apresenta os argumentos pró e contra que foram máu grado seu desenvolvidos na discussão herculea da primeira lei — chamada da liberdade do ventre — tão magistral e eloquentemente defendida pelo immortal Rio Branco.

Não partio o Imperador para a Europa quando já assentados entre elle e o visconde do Rio Branco os pontos capitaes do

projecto, porém sim depois de aprovado na Camara dos Deputados esse projecto e certa a sua passagem no Senado.

E' ainda inexacto, ao passar em 1884 a questão á sua segunda phase ou da libertação dos sexagenarios incluída no programma do ministerio do Sr. Dantas, que « a opinião publica já tivesse, ha muito tempo tomado a dianteira ao Imperador, e que este quizesse a emancipação remunerada e o paiz se pronunciasse pela simples abolição ! »

Onde fez o Sr. Ottoni semelhante descoberta ?

Foi depois da apresentação do projecto de lei pelo Sr. Dantas que a opinião publica, a não ser assim qualificada a de algum exaltado que nada teria a perder se o paiz se conflagrasse, conservando-se até então ou depois da passagem da lei de 28 de Setembro de 1871 indifferente á questão dependente em sua solução apenas de tempo, começou agitar-se, ás vezes mesmo com violencia, accusando o Imperador de emba-

o. 2. 1871.
1.º 18

lar o paiz com promessas enganadoras, sobretudo pela falta de confiança que inspirava a lei Saraiva, aliás não muito differente da que fôra projectada pelo Sr. Dantas.

*Ant. Bento
Jung*

E' até ridiculo querer neste assumpto pôr o nome do Dr. Antonio Bento, de S. Paulo, que não fez tanto como o jangadeiro Francisco do Nascimento, do Ceará, a par do de D. Pedro II e de ter sido dado por aquelle paulista o golpe final com a incitação para que os escravos abandonassem as fazendas onde trabalhavam ! Pobres escravos, onde estariam hoje, se o Governo levado pelo desejo real de ver terminada a vergonha trisecular da escravidão, não os houvesse deixado vagar á vontade nas mattas em que se tinham acoutado !

A citar o nome de quem combateu pela idéa levando-a até ás ultimas consequencias com a sua propaganda e artigos violentos é gravissima injustiça esquecer a José do Patrocínio. A este sim devem os infelizes todo o bem do brusco còrte da insti-

tuição que tanto os victimava, deprimindo o caracter brasileiro.

Sobre os ministros que, ou levados por sincera convicção ou pela impossibilidade de retroceder-se, propuzeram e referendaram o decreto da abolição, nem uma palavra.

Teria o Sr. Ottoni procedido com mais acerto se deixasse ignorada de todos a sua historia sobre a evolução democratica, na qual mette o cavallo em que Quintino Bocayuva, o negociador do tratado das Missões, se apresentou de chapéo molle á frente dos batalhões sublevados pelo General Deodoro, em marcha de congratulação para o Arsenal de Marinha a 15 de Novembro de 1889.

E' possivel que o Dr. A. Felicio dos Santos tivesse dito que « se fosse escolhido senador não tomaria assento no senado do Imperio. » Entretive relações com esse illustre medico, politico, industrial e ha pouco tempo banqueiro e nunca ouvi delle, quando o seu nome veio incluído na lista

triplice e o felicitei, semelhante asseveração. O que sei é que morria por ser senador.

A tolerancia demasiada e quasi que patriarchal, essa liberdade sem freio de que se gosou e grandemente se abusou, durante o reinado do Sr. D. Pedro II, creando esse espirito de insubordinação e de falta de respeito a tudo e por tudo, unidos porfim ao rancor e á ancia de vingança de uma classe profundamente prejudicada com a abolição repentina dos escravos, concorreram para se organizar um pseudo-republicanismo que, explorado com geito pelos ambiciosos, precipitou o paiz no estado de anarchia medonha em que se debate ha seis annos, sem mais vislumbre de liberdade, e marietado até pouco tempo pela mais cruel, assombrosa e sanguinaria dictadura.

Evolue-se para um estado superior, e não para descer a esse estado de abjecção moral, social e financeira !

O phantastico e imaginario sentimento republicano não tinha raizes no espirito

publico, e foi simplesmente filho espurio e exclusivo do odio nascido nas senzalas desertas contra a excelsa Redemptora, hoje Imperatriz D. Isabel, que bem sabia ao assignar o decreto da abolição, que jogava o throno seu e de seus pais. Para prova-lo, ahi está essa fremente, anciosa e desoladora conturbação dos espiritos quando, em Maio de 1888, aqui chegou a noticia do perigo imminente que em Milão corria a vida do Imperador, conturbação seguida da delirante alegria que de toda a população do Rio de Janeiro se apoderou ao chegar aqui o inclito monarcha, em Agosto do mesmo anno, restituído ao amor dos brazileiros. No cimo do Pão do Assucar fluctuou então immensa bandeira alli plantada pelos dignos alumnos da escola militar com o bem significativo distico : *Salve !*

Concilie o Sr. Ottoni esses factos, aos quaes nem de leve allude com as premissas estabelecidas na sua pretendida evolução democratica, e veja sea logica do odio e da inver-

dade póde chegar a uma conclusão racional.

No pacto que o Sr. senador Ottoni faz sempre no seu inconcebivel trabalho com as inexactidões vem affirmado que a crescente *evolução republicana* levou os chefes liberaes a pensarem na necessidade de popularisar a monarchia por meio de largas reformas, e que o Imperador acolhêo como salvadora a idéa de um ministerio que se encarregasse de realisa-las ; por isso chamou primeiro o Sr. Saraiva com o qual concordou em abdicar a intervenção na escolha de senadores e em deixar que os presidentes fossem eleitos pelas Provincias, mas que este estadista por fim desistira do encargo, sendo logo chamado o visconde de Ouro Preto que exigio menores condições da realeza, e incumbido da organização do ministerio, não chegou a formular o seu *programma* de reformas.

Não sei para quem o Sr. Ottoni escreve para não ter o maior embaraço em adulterar factos recentissimos.

Sómente depois que se tornou impossível, pela recusa de muitos chefes, a organização de um ministerio que prolongasse a situação conservadora, e não com o fim de popularisar a monarchia, foi que o Imperador chamou os liberaes, que muito antes tinham combinado ou assentado no programma que teriam de seguir, se fossem chamados ao governo, e não é acreditavel que o Sr. Saraiva pretendesse formar ministerio com idéas oppostas às dos seus correligionarios, e quanto ao visconde de Ouro Preto ahi estão os annaes do parlamento brasileiro, onde se achão referidos os factos da sessão de 11 de Junho de 1889, para mostrarem que aquelle eminente estadista expoz desenvolvidamente o *programma* que pretendia executar, de accordo com o partido liberal; portanto, esse estadista não exigio menores condições da realza, nem se propôz a popularisa-la, bem como a espada do General Deodoro da Fonseca não cortou questão alguma. Só-

mente o que elle fez foi apunhalar o coração sagrado da Patria, servindo de instrumento de odio e de apoio á traição dos que no altar da honra, haviam jurado defender até á ultima gotta de sangue o Imperador e as instituições vigentes.

Contra batalhões insubordinados por ordem de seus chefes e officiaes, o que poderia fazer um homem, mesmo da estatura moral e intellectual do Presidente do Conselho de então, o visconde de Ouro Preto, quando, apesar da promessa formal e da palavra assegurada, por Floriano Peixoto, ajudante general, vio-se sem o apoio da força publica? Elle, que não havia feito parte de nenhum ministerio durante todo o tempo em que se agitou a questão chamada—militar—nascida exclusivamente e debatida no dominio de seus adversarios politicos, devia sem duvida alguma ter em mente, quando se vio á frente do governo liberal, de que era um dos chefes mais proeminentes, conciliar mesmo no interesse das insti-

tuições e de sua administração as pretensões de alguns officiaes do exercito com tudo o que fosse compativel com a ordem e disciplina militares e justiça da causa que defendiam, e por meio de reformas adequadas e nimíamente liberaes e democraticas acalmar o espirito publico e destruir o fermento desse pseudo republicanismo, a menos que quizessemos viver em completa desordem e anarchia em que infelizmente nos achamos, e donde não sahiremos senão por misericordia divina.

Quando se tem a fortuna de ser um Imperador ou chefe de Estado, como o Sr. D. Pedro II, todos os ultrages imaginaveis são virtual e decididamente impotentes para lhe minarem a gloria, nem se conseguirá nunca amassar a historia com o odio e ao paladar e sabor dos exaltados e apaixonados.

.... j'estime n' diz Thiers, qu'il n' y a rien de plus condamnable, lors qu'on s'est donné spontanément la mission de dire aux hommes la verité sur les grands événements

de l'histoire, que la déguiser par faiblesse, de l'altérer par passion, de la supposer par paresse, et de mentir, sciemment ou non, á son siècle et aux siècles á venir.

O Sr. senador Ottoni antes de se propôr a empresas dessa ordem, devia ter sempre presente ao espirito a lição que lhe infligio com a mais justa severidade o illustre visconde de Ouro Preto, quando este eminente homem de Estado, de vida e caracter immaculados, arrastado na queda do Imperio, deportado e tambem banido como o grande monarcha brasileiro, foi aleivosa e furibundamente atacado pelo Sr. Ottoni. Mas que quer? O odio do Sr. senador C. B. Ottoni tem as propriedades e a essencia fundamental dos corpos inorganicos: a eternidade parece-lhe pertencer.

§ 8º

A QUESTÃO MILITAR E O QUINZE DE NOVEMBRO

Tido antes como liberal extremado do que como republicano, apesar de haver as-

signado o manifesto de 1870, o conselheiro, commendador e official de algumas ordens honorificas e senador vitalicio no tempo do imperio, não podia deixar, agora que vio os ventos mudados, de se tornar novamente um dos adhesivos á nova forma de governo inaugurado a 15 de Novembro de 1889. Conseguiu pois obter uma cadeira no senado, hoje temporario, e aproveitando no seu trabalho o ensejo de tratar da questão militar pegou no thuribulo e incensou os corypheus do dia, e a classe que expellio do throno o Imperador.

E' o Sr. Ottoni o primeiro a dizer que essa questão não tem nada com a vida do Sr. D. Pedro II, mas que « á politica do primeiro e segundo imperadores se deve a queda da Monarchia, instituição aliás já perdida na opinião do paiz pelo adiantamento da evolução democratica, e que ás fraquezas do governo daquelle monarcha deveu a guarnição militar da capital a sua grande animação e a consciencia de que es-

tava senhora da situação, podendo dispor do paiz, como lhe parecesse. »

Baralhando tudo, conta elle uma historia que faz crer com effeito que foi, nessa emergencia, demasiado fraca a acção do governo para conter a insubordinação dos chefes militares da guarnição desta capital, e que o unico ministro, que claramente desceu com perfeita dignidade foi Alfredo Chaves, ficando o Governo Imperial exautorado por não ter querido aceitar as medidas de repressão que esse ministro propuzera.

Ora, sabe-se perfeitamente bem que a chamada questão militar foi em grande parte *exclusivamente* devida ao Sr. Alfredo Chaves que, ministro da guerra, não se animou, com receio de perder na Camara dos Deputados alguns votos, a defender os brios de um official superior acrememente accusado pelo Sr. Simplicio de Rezende, representante do Piauhý. Tudo questão de eleição. O offendido publicou então com a

sua assignatura nos *A pedidos do Jornal do Commercio* artigo violento que respondia a esse deputado.

Achando o ministro da guerra que tal publicação exorbitava das normas da disciplina militar, mandou reprehender o seu autor em ordem do dia. Sahio de novo á campo o official, mas ahi contra o seu chefe hierarchico, e a questão passando a ser explorada pelos jornaes opposicionistas, tomou logo grandes proporções. Chamou-a o ministerio collectivamente a si, e como não quizesse passar das raias da moderação, antes de tomar qualquer medida e de aceitar as providencias que o ministro da guerra propunha para abater a insubordinação revelada em outros artigos partidos de officiaes do exercito, affectou a questão ao conselho supremo militar. Este fixou em consulta os limites em que era permittido aos militares o uso de liberdade de imprensa.

Aceitou o gabinete o parecer, mas não o Sr. Alfredo Chaves, que se retirou do go-

verno, tanto mais acertadamente e, sem duvida alguma, com dignidade, quanto a sua firmeza e attitude haviam provocado grande exaltação nos animos e certa agitação na classe militar. Esperaram então os officiaes que, em vista das razões que lhes assistiam, mandasse o governo trancar ou cancellar por deliberação propria as notas de reprehensão.

Achava-se o Imperador na occasião gravemente doente e na impossibilidade de ser consultado sobre as medidas mais convenientes a se adoptarem. Foi quando o Sr. Silveira Martins depois de entrar em accôrdo com alguns de seus collegas no senado, fazendo-lhes ver que a questão estava sendo explorada por demagogos e turbulentos, e podia trazer consequencias graves, apresentou uma moção, aceita pelo Sr. barão de Cotegipe, presidente do conselho, convidando o governo a mandar cancellar aquellas notas. Confessou, porém, o mesmo barão de Cotegipe que ainda que a digni-

dade do governo sahisse um pouco arranhada, sómente para evitar qualquer scena de violencia, que podesse aggravar a molestia do Imperador, aceitava esse alvitre.

Acalmaram-se um pouco os animos, de modo que 'o Sr. D. Pedro II, cujo estado de saude se tornára de dia a dia mais melindroso, pôde, por conselho dos seus medicos, seguir para a Europa, afim de ver se alli conseguia completo restabelecimento.

Com a victoria alcançada, não podiam os militares deixar de reconhecer que haviam adquirido direitos a se defenderem pela imprensa sempre que julgassem necessario, e que taes direitos deveriam ser firmados por modo positivo.

O *Paiz*, pela voz de seu redactor, o futuro negociador do tratado das *Missões*, com o qual, como já disse, se dava de mão beijada aos argentinos, nossos *prestimosos amigos*, uma boa nesga de territorio brasileiro, procurou em artigos quasi que diarios manter em constante ebulição

o espirito da classe militar, aconselhando que ficasse alerta e formasse uma corporação que só cumprisse ordens em que visse a maior justiça e equidade.

Tambem não havia mudança alguma de official de uma para outra guarnição ou de uma para outra provincia, ou substituição de batalhão de um para outro lugar, que não servisse de motivos a estirados e violentos artigos desse e de outros diarios contra quaesquer decisões do governo, consideradas logo acintes aos brios militares e desejos de abater a dignidade do exercito.

O ministerio que, em Março de 1888, succedeu ao do Sr. barão de Cotegipe, vio-se livre de um dos officiaes que se tinham mostrado mais exaltados, e pelas relações de amizade que alguns de seus membros entretinham com o general Deodoro, elemento preponderante na questão, conse-guiu que este aceitasse uma commissão importantissima, bem longe desta capital.

Assim se produzio uma especie de tregoa

e calma, que deixaram tranquilos todos os animos até Junho de 1889.

Nesse mesmo anno e mez subio o gabinete liberal, presidido pelo visconde de Ouro Preto, o qual, desejoso de serenar de todo os resentimentos e as queixas que os militares ainda pudessem nutrir e articular, destinou a pasta da guerra ao general visconde de Maracajú, primo do general Deodoro da Fonseca, sendo um dos primeiros actos do gabinete uma ordem para que este se recolhesse a esta capital, onde poderia ter uma commissão, de conformidade com sua alta patente e mais de accôrdo com o debil estado de sua saude.

A chamada desse general, respeitado e querido no exercito, e outros insignificantes actos do governo, communs nos paizes em que a disciplina militar é uma cousa séria, deram lugar a novas explorações politicas por parte do *Paiz* e do *Diario de Noticias* então redigido pelo Sr. Ruy Barboza, que se tornou adversario intransi-

gente do illustre visconde de Ouro Preto, por não ter sido aceito o programma que apresentára, quando consultado e convidado para fazer parte desse gabinete.

A's excitações que se faziam á classe militar, afim de olhar para esses factos como indicios de que o novo governo se propunha a esmagar-la quando tivesse á disposição uma guarda nacional bem organizada, veio se ajuntar um discurso feito na Escola Militar pelo tenente-coronel Benjamin Constant, por occasião da visita a esse estabelecimento dos officiaes da corveta chilena *Almirante Cochrane*, fundeada no porto, e aos quaes o governo em attenção ás provas amistosas dadas precedentemente pelo Chile a officiaes de um nosso navio de guerra, desejava prestar significativa e brilhante demonstração de apreço.

O discurso de Benjamin Constant, official do exercito, lente da Escola Militar, director da Escola Normal e do Instituto dos Meninos Cegos, foi nos diarios indicados

muito elogiado pela fórma vehemente por que defendêra, presente o proprio ministro da guerra, o direito que assistia ao militar em reagir e deixar de cumprir ordens, quando estas não lhe parecessem justas, accrescentando-se que era impossivel que o governo não tivesse em mente ordenar a prisão desse offcial e de outros mais, e de concluir finalmente por dissolver o exercito.

D'ahi se originaram conferencias da officialidade da guarnição da Côrte, afim de continuarem nos meios de reagir contra qualquer medida do governo que mostrasse esse intuito, e para as quaes foram convidados ou entraram sorateiramente os mais exaltados adversarios do gabinete ou das instituições vigentes.

Teve o ministerio conhecimento de tudo, mas fiado nas repetidas promessas e na calma do ajudante-general Floriano Peixoto sob cujas ordens decisivas se achava a guarnição da Capital, capacitou-se de que o levante se daria, mas que seria reprimido.

Previendo os chefes da projectada conspiração que qualquer demora na expulsão do ministerio daria lugar a que este reunisse forças sufficientes que frustassem o resultado desejado, dirigiram-se na noite de 14 a 15 de Novembro de 1889 ás casas de Benjamin Constant e do general Deodoro para lhe dizerem que o governo havia assentado em manda-los prender, convindo portanto sem demora, naquella mesma noite, sahirem a campo e se porém á frente dos batalhões já de promptidão no quartel de S. Christovão para virem derrubar o governo.

O General Deodoro e Benjamin Constant crenes na ballela que acabavam de ouvir, acudiram promptamente ao chamado e montando a cavallo, foram encontrar em caminho para a cidade diversos batalhões, a cuja frente se collocáram e vieram cercar o Quartel-general e a Secretaria da Guerra.

O ministerio sciente, como já dissemos, de tudo, achava-se então no Arsenal de Marinha, onde reunia bons elementos para

se fazer respeitar. Infeliz e inesperadamente convidado a ir para o quartel-general, onde permanecêra o Ministro da Guerra, para lá se dirigio, deslocando-se do seu centro de resistencia. Está na memoria de todos o que então se passou e de que modo o Sr. visconde de Ouro Preto se vio coagido a telegraphar ao Imperador, que se achava em Petropolis, expondo o que estava occorrendo, e dando a sua demissão.

As forças rebeldes confraternizando com as do quartel-general e com todas as outras que affluíam dos diversos pontos saudáram a victoria incruenta da revolução, e o general Deodoro proclamou a destituição do governo ficando, como é notorio, á espera das determinações do Imperador. Nessa emergencia foi cercado de alguns conselheiros da revolução que, com Benjamin Constant, lhe fizeram ver que a occasião era a mais azada possivel para immortalisar o seu nome com a proclamação da Republica e ficar como chefe de Estado, pois que se não

o fizesse, talvez que por sua posição e força que dispunha nada soffresse, e quando muito seria mettido em uma fortaleza para o resto de seus dias, mas que os officiaes seus camaradas e os batalhões sublevados não podiam cedo ou tarde ficar impunes.

O General Deodoro que não era homem de intelligencia para comprehender a grave responsabilidade que assumia, mas fascinado pelas grandezas com que lhe acenavam, não lembrou-se de que representava o ignobil papel de traidor e praticava a mais abjecta ingratição para com um monarcha que fôra sempre seu amigo e lhe protegera a familia inteira; acceitou o nefando conselho de que ulteriormente tanto devia ter-se arrependido e proclamou a Republica. O regimen novo, como providencia inicial, exilou o Imperador, e toda a familia Imperial, mas banio tambem a ordem e a moralidade, pois, desde então no meio da maior anarchia e desordens só tem enchido de infortunios este desgraçado paiz, não havendo

quem de boa fé seja capaz de apontar ou apresentar um unico acto, aviso, resolução ou lei, oriundos do novo regimen, desde então até hoje, que não seja a expressão de uma prepotencia, oppressão, insensatez ou profunda inepcia, e apenas um ou outro de reparação tardia e incompleta.

Onde está nesta exposição que é a *verdade verdadeira* cousa alguma que se assemelhe com o que diz o Sr. Ottoni? Em que momento comprehendeu o marechal Deodoro que a monarchia estava perdida na opinião do paiz?

E' uma fantasia para incensar os promotores desta *invejavel* situação, não lhes deixando duvida ácerca de seus sentimentos republicanos.

Talvez que a politica de moderação e tolerancia adoptada pelo Imperador em seu longo reinado, politica toda assente na força da razão e não na razão da força, concorresse para a quéda da monarchia, mas sem duvida alguma a Imperatriz D. Isabel,

então Princeza Imperial, foi inspirada pela Providencia, quando diante de tamanho desastre exclamou : « Os senhores hão de se arrepender ! »

Alguem que não podia compreender tanto estoicismo e heroica resignação em peito humano, quiz dar a expressão da revolta e dôr que deviam angustiar a alma do magnanimo Imperador diante de tanta insanía e ingratição e escreveu o seguinte soneto :

*O soneto,
mais, não
é de Guep., como
se tem dito.*

Não maldigo o rigor da iniqua scrite,
Por mais atroz que seja e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dous passos só estou da morte !

Do jogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a triste realidade ;
Pois se agora nos dá felicidade,
Amanhã tira o bem que nos conforte.

Mas a dôr que excrucia, a que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora
Que fere o coração e quasi o mata,

E' ver da mão fugir, á extrema hora,
A mesma bocca lisongeira e ingrata
Que tantos beijos nella pôz outróra !.

Ralado de desgostos morreu Benjamin
Constant por ver o seu sonho de luz e es-

perança transmudar-se em noite tenebrosa, e assaltado de um delirio em que se lhe afigurava ver a cada instante o Imperador, não tomava alimento ou remedio algum senão em nome daquelle, que dizia ter sido sempre seu amigo.

Deodoro o seguio no tumulto tão descrente, machucado e combalido que exigio que não o enterrassem com a farda de soldado e nenhuma honras militares lhe fossem prestadas pelos camaradas da revolução, verdadeiro e eloquente repudio dos ultimos e gravissimos actos da sua existencia!

Poucos mezes depois desapareceu tambem victimado por um cancro do figado, no meio de dôres cruciantes, o marechal Floriano!

Que fim de vida destes tres homens, tão diverso do que teve o grande Imperador no exilio! Calmo, sereno, magestoso, sem um movimento nem a mais singela expressão de colera contra os gratuitos e injustos algozes e inimigos, só magnanimidade e no-

bre altivez, sem um gesto de protesto aos designios da Providencia, sem uma palavra contra aquelles a quem enchêra de favores e que o abandonaram na hora da desgraça, embevecendo-se extatico, através das noites sombrias do desterro, no clarão luminoso projectado pelo seu querido Brazil, para o qual pedia a Deus todos os beneficios imaginaveis e a suprema felicidade, assim exhalou o ultimo suspiro.

Determinou que lhe vestissem a farda de almirante da pundonorosa marinha brasileira e que desdobrassem sobre o seu corpo o estandarte glorioso da cara patria, symbolo do povo que tanto extremecera e a cuja felicidade havia consagrado a existencia inteira! Ainda mais, reservando cuidadosamente um travesseiro cheio de terra apanhada no Brazil, quiz que a sua cabeça sobre elle descansasse para sempre!

Todas estas provas tão commoventes, tão sublimes, nada são, nada exprimem, nada valem aos olhos empanados da velhice

sêcca, egoista, mumificada, odienta! Que importa? Acima de tudo fica a justiça da posteridade.

CAPITULO IV

DEPOSIÇÃO, BANIMENTO E MORTE

Nada diríamos sobre este capítulo e ultimo do trabalho do Sr. Ottoni, se o biographo, começando por affirmar que foi a attitude do Sr. D. Pedro II sempre alta-neira e digna, desde a madrugada de 16 de Novembro de 1889, em que se lhe intimou a deposição, até o momento em que se vio obrigado a embarcar, tivesse na continuação deixado bem explicito este conceito, que aliás por isto não teria maior valor do que qualquer outro formulado ou por formular. Mas o Sr. Ottoni é inimigo declarado da justiça, e não pôde facilmente sahir da trilha em que de preferencia caminha.

Além de não dizer uma só palavra acerca da resposta digna que o Imperador deu ao official portador da intimação do general Deodoro, não lhe mereceu o menor reparo o acto barbaro e sem nome de fazerem por escurissima madrugada entre alas de soldados, com as armas embaladas, embarcar o Imperador, como um malfeditor, a santa Imperatriz e todos os membros da augusta familia, entre os quaes tres crianças filhas da Princeza Imperial. Se falla da recusa do Imperador aos cinco mil contos que a junta governativa do general Deodoro mandou pôr á sua disposição, se elogia e admira essa repulsa, propositalmente omitta as historicas palavras, cheias de alevantada verberação aos offertantes, quando o monarcha deposto declarou que não julgava, quem quer que fosse, com o direito de metter senão criminosamente as mãos nas arcas publicas para tirar um real do thesouro da nação, sem autorisação dos seus legitimos representantes !

Dá o Sr. Ottoni a entender por um modo que não se atreveu a tornar explicito, que o Imperador, pobre como era e precisando de dinheiro para seu sustento no exilio, não aceitára os cinco mil contos, porque vio que por essa quantia podia o governo do general Deodoro ficar com as propriedades e bens que aqui deixava!

Julga que o governo foi neste caso de grande inepecia, porque devia mandar-lhe os cinco mil contos como preço generoso dessas propriedades e bens. Então se o Imperador recusasse estava no direito de desapropriar-as « na fôrma da lei! » Não o diz, mas com certeza o acto não seria uma inepecia, e quem sabe? Talvez que o Imperador não tivesse razão em repellir a offerta, em que não achou nada de aviltante!

Como a existencia que se consagra unicamente ao interesse formûla certos processos mentaes em que devem ficar abafados os gritos de revolta, de honra, de moral

e dos mais nobres sentimentos d'alma ante acções que rebaixam a consciencia!...

A um homem da grandeza moral do Sr. D. Pedro II de nada podiam valer os montões e montões de ouro reunidos do mundo inteiro. Não era nenhum *Rei Lear* a chorar imbelle e alquebrado sobre as suas miserias, a ingratição das filhas e a perda do seu throno. Era um monarcha que encarava de animo superior as maiores vicissitudes da vida, como um philosopho da mais sublimada especie, postos os olhos na indefectivel justiça da Entidade Suprema. Elle o disse: « Minha sorte está nas mãos de Deus e Este não falta a quem o invoca. Esperando a divina sentença temos fé na restauração do Imperio, que será o restabelecimento da ordem e da liberdade!

A sua vida na Europa foi sempre « sisuda », diz o Sr. Ottoni, evitava o mais possivel toda allusão aos acontecimentos do Brazil, continuava a cultivar a intelligencia (eterno estribilho!) convivia com os sa-

bios, mas sobre um unico assumpto seu procedimento « *não foi discreto* », se é verdade o que se disse pela imprensa. Sem « *manifestar* » esperança de restauração « *manifestou* » por vezes, dizem, o desejo ardente de vir morrer no Brazil .. »

O sentimentalismo é para elle respeitavel, mas se o « Imperador externou o desejo » de voltar ao Brazil « é prova de fraqueza intellectual », bem explicavel pelo seu estado valetudinário. Viria ser no Brazil centro da conspiração contra a fórma de governo estabelecido (por quem ?) uma ameaça continua de guerra civil. Por isso aquella aspiração, se não tinha fim occulto, denotava « perturbação cerebral ! »

A proposito, conta uma historieta de Pedro I, que em Lisboa, depois que collocou no throno D. Maria II, « dizia que tinha saudades do *seu* S. Christovão », e o resultado dessa saudade foi que houve aqui conspirações de restauradores com levas de

broqueis nesta Capital e em Ouro Preto ! Termina por dizer que se a morte não surpreendesse o « saudoso » expatriado, não escaparíamos a sérias commoções !

Não me animarei a dizer que o Sr. Ottoni escreveu tudo isso no ar, e que as suas curiosas apreciações se explicam por fraqueza intellectual ou pelo seu estado valetudinario, mas certamente ellas fogem á qualquer explicação.

Não se concebe que possa haver coração tão petrificado, que leve a ferocidade, quasi insanias, ao ponto de censurar a um exilado por que conserva o amor da Patria !

Para as almas nobres e virtuosas a terra natal representa entretanto a imagem querida e mais que sagrada da propria Mãe ! Manifestar o desejo de vir ao menos morrer em seus braços, e poder descançar em seu seio, é aspiração tão augusta e respeitavel que parecia dever ficar acima de qualquer interpretação venenosa e ferina. Com dobrada intensidade actúa a nostalgia,

quando a injustiça dos homens nos fecha as portas da Patria.

Depois, o Sr. Ottoni está perfeitamente enganado. O grande brasileiro acompanhava com o maximo interesse, patriota sempre, os acontecimentos do Brazil, e acêrca delle conversava com os brasileiros de distincção, indagando de tudo que se passava, de tudo que podia relacionar-se com os seus interesses. Que o digam os Srs. Lorêto, Lafayette e Silveira Martins, como já o disseram o visconde de Ouro Preto e Dr. Affonso Celso. Que o digam o visconde de Cavalcanti, o barão de Penedo, barão do Rio Branco, Dr. Eduardo Prado, Muritiba etc, etc.

O que o Imperador nunca fez foi abrir os seus labios para depreciar a uma só pessoa, qualquer que fosse, indulgente até a respeito daquellas para cujo procedimento se chamava a sua attenção, tendo palavras de benevolencia ou de justificativa para actos credores de rigoroso reparo.

Ao actual ministro da Republica Brasileira, em Pariz, quando soube que o governo francez agitava a questão do Oyapock, mandou-lhe dizer que se punha á sua disposição para dar-lhe amplos esclarecimentos sobre a questão desde as origens.

Tendo sabido que dos seus palacios de S. Christovão e da cidade entregues á guarda de agentes do governo revolucionario do general Deodoro, haviam sido subtrahidos alguns objectos preciosos e de valor, não proferio sequer uma queixa, não lavrou o menor protesto ; pelo contrario deu ordem no fim de pouco tempo ao seu novo procurador que fizesse sob certas condições entrega á Bibliotheca nacional e ao Instituto Historico Brasileiro de sua immensa e riquissima livraria e dos manuscriptos rarissimos e de um preço inestimavel que alli tinha, bem como do gabinete mineralogico e numismatico que, por si só, representava uma somma fabulosa.

Abnegação e heroismo iguaes excedem á comprehensão humana !

Força é reconhecer, Sr. Ottoni : o monarcha que por nossa infelicidade perdemos era um homem excepcional, será uma legenda na historia deste paiz que ainda não havia chegado á phase evolutiva, digna de possuí-lo !

Expelliram-no do throno e o baniram. Fizeram bem. Bastante larga já vai indo a recompensa de taes actos. E ainda não é toda a expiação, pois justiça inteira tem de ser feita, no tempo e no espaço.

Dous mil annos ficou a Venus de Milo debaixo da terra, mas embora mutilada dali sahio fulgurante da mais ideal belleza ! Assim é a verdade : embora se tente obscurecel-a e encobril-a, resurge sempre resplandecente de uma luz divina !

O grande Imperador do Brazil, o justo, e magnanimo Sr. D. Pedro II, morreu no exilio e seu corpo repousa em terra estrangeira, mas, ainda quando dalli jamais saia e

apezar de quantos lhe queiram ultrajar a memoria, tão magestoso e alevantado ha de apparecer ás gerações vindouras, que ellas se curvarão reverentes ante o seu vulto grandioso, refulgente de luz, modelo de: inexcêdível nobreza, sabedoria e patriotismo !

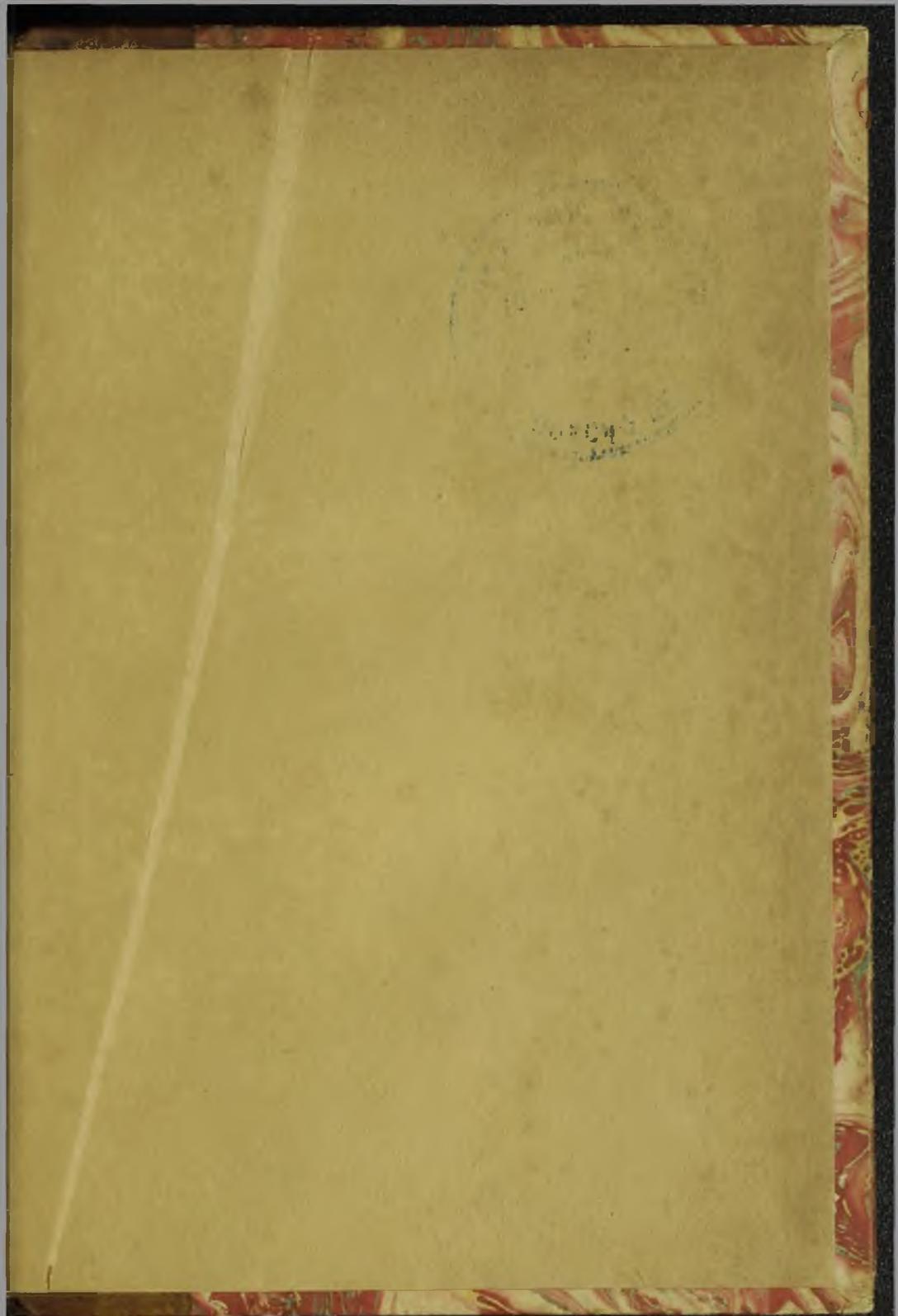
Março de 1896.

70-10-33
(2-29)

— FIM —

RIO DE JANEIRO
Litho-Typographia de Pinheiro & C^o.
Rua 7 de Setembro 153

—
1896





STC 81
090

